

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ELIVANIA DA SILVA CRUZ
FABIANA ALVES BEZERRA
HOSANIA MEIRA AMARAL

O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS
SÉRIES INICIAIS

Brasília, 2006.

ELIVANIA DA SILVA CRUZ
FABIANA ALVES BEZERRA
HOSANIA MEIRA AMARAL

**O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS
SÉRIES INICIAIS**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília – UniCEUB – como parte das exigências
para conclusão do Curso de Pedagogia –
Formação de Professores para as Séries Iniciais do
Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10

Orientadora: Sainy C. B. Veloso

Brasília, 2006.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de crescer em sabedoria e de evoluirmos enquanto seres humanos.

Agradecemos também às nossas famílias que nos apoiaram e incentivaram em todos os momentos.

Aos nossos colegas educadores que contribuíram gentilmente com este trabalho.

E por fim, aos nossos mestres, em especial à nossa orientadora, que nos guiaram nos caminhos do conhecimento e do aperfeiçoamento.

“Todas as vezes que você fizer algo que nos fere, nós iremos no centro de nossa comunidade lhe contar tudo de belo que você sabe e pode fazer e assim seguiremos na nossa trajetória de apreender junto, partilhar os conhecimentos, que são coletivos, herdados dos nossos, e não te puniremos, pois o seu erro é nosso.”

(Provérbio Africano da região de Ghana.)

RESUMO

O trabalho aqui apresentado busca realizar uma pesquisa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira nas Séries Iniciais, visando a constituição de uma identidade social no cidadão. Trata-se então, de uma discussão a respeito das tendências no ensino de História, reconhecendo a necessidade de se contribuir para a efetivação da lei nº 10639 e resgatando o valor e o respeito devido aos negros e a sua cultura. Apoiados em uma importante base teórica, desenvolvemos metodologias para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira para as Séries Iniciais por meio de dinâmica de imagens, proposição de questionários para os professores da Escola Classe 116 e Centro de Ensino Fundamental 403, ambas de Santa Maria, além de analisarmos três livros didáticos utilizados atualmente em escolas públicas do Distrito Federal. Analisando por perspectivas históricas do ensino de História no país e embasadas em discussões a respeito das relações entre a construção da identidade e a auto-estima negra, tivemos como resultado dos relatos dos professores e da análise da estrutura dos livros didáticos utilizados atualmente, apenas a reafirmação dos estereótipos e preconceitos enraigados na sociedade brasileira. Sendo assim, podemos concluir que a formação constante do educador auxiliar muito no trabalho de valorização e construção da identidade social e racial dos alunos. Uma escola eficientemente democrática tem como objetivo primordial a transformação e a superação das desigualdades sociais, recolocando os indivíduos não só os afro-descendentes, mas todos os brasileiros na história como cidadãos plenos.

Auto-estima, identidade, formação.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Justificativa.....	10
3. Problematização.....	12
4. Delimitação Teórica.....	13
4.1. Histórico da disciplina de História.....	13
4.2. Pluralidade Cultural Brasileira e História Africana.....	17
4.3. A construção da identidade e da auto-estima negra.....	22
5. Metodologia.....	26
5.1. Objeto de estudo.....	26
5.2. Objetivos.....	26
5.2.1 Objetivo Geral.....	26
5.2.2. Objetivos Específicos.....	26
5.3. Diagnóstico das escolas.....	27
5.3.1. Escola Classe 116 de Santa Maria.....	27
5.3.2. Centro de Ensino Fundamental 403 de Santa Maria.....	29
5.4. Instrumentos de Pesquisa.....	31
5.5. Organização, análise e discussão de dados.....	32
6. Considerações Finais.....	38
7. Referências Bibliográficas.....	40
Anexos.....	42
Anexo I.....	43
Questionários.....	44
Anexo II.....	64
Imagens da dinâmica.....	65
Anexo III.....	93
Imagens do livro didático.....	94

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata de um tema que por muitos anos foi banalizado e até mesmo ignorado pela sociedade brasileira: O ensino da História e cultura afro-brasileira nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Nosso objetivo é realizar uma pesquisa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira nas Séries Iniciais, visando à constituição de uma identidade social do cidadão. Dessa forma, é fundamental para alcançarmos o nosso objetivo principal, buscar tendências no ensino de História que auxiliem na compreensão do que significa, hoje, ensinar História nas escolas, ou seja, reconhecer a existência do racismo no Brasil e a necessidade de valorização e respeito aos negros e a cultura africana; identificar as causas e conseqüências da dispersão dos africanos pelo mundo, abordando a história da África antes da escravidão; pesquisar as contribuições dos africanos para o desenvolvimento da humanidade, contribuindo assim para efetivação da lei nº 10639, que prevê a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Esperamos também criar novas formas de abordagem do tema.

No Brasil, quase metade da população é constituída por habitantes negros ou descendentes da raça negra. No entanto, é possível afirmar, que pouco se conhece sobre a história e cultura africana. Atualmente a maioria dos livros trata a história do negro somente na perspectiva da escravidão, enfatizando, mesmo que de forma implícita, uma suposta superioridade branca, o que reforça a desigualdade racial.

Na busca de novas possibilidades de igualdade e justiça social e para que a situação atual não continue a se reproduzir, é necessário resgatar e reconstruir uma história com versões e raízes afrocêntricas.

Um olhar atento a leituras sobre o tema em destaque, nos leva a perceber afirmações de que os educadores encontram-se despreparados para abordar tal questão em sala de aula.

Esta pesquisa é de grande relevância para nossa formação profissional e pessoal, porquanto nos permite rever a forma como vem sendo tratada a história afro-brasileira nas escolas, e como a abordagem atual influencia na relação raça/etnia, gênero e desempenho escolar.

A investigação nos possibilita repensar a nossa práxis e o currículo escolar na busca de novas metodologias para atuarmos como educadores multiplicadores de informações livres do estereótipo racista, agindo assim como líderes intelectuais transformativos visando garantir a equidade social.

A construção de uma sociedade mais justa e democrática, tão almejada atualmente, deve passar obrigatoriamente pela conscientização e formação de cidadãos que integrem conhecimentos culturais e sociais, desenvolvendo valores e habilidades voltados para a igualdade, a justiça social e ao bem coletivo.

Nesse sentido, o ensino da História e cultura afro-brasileira desde as Séries Iniciais contribui significativamente para a consolidação dessa sociedade, uma vez que proporciona a constituição e aceitação da identidade racial brasileira e suas raízes africanas. De acordo com João Baptista Borges Pereira: “Não é na cor nem nos demais traços fenotípicos de um grupo que reside sua identidade. São, antes, as interpretações social e cultural dadas a essas características biológicas que criam simbolicamente a identidade de um grupo”.(2002, p.65).

Dessa forma entendemos que é tratar da história e da cultura africanas de forma sistemática e natural, sem estereótipos, significa recuperar a consciência de um grupo, por décadas marginalizado, valorizando a herança comum determinante na cultura de toda a sociedade brasileira.

Sendo assim, a realização desta pesquisa é de fundamental relevância no combate ao racismo e a discriminação tanto na escola quanto no meio social.

A articulação ensino e aprendizagem em nossa formação docente aponta para uma continuidade de aquisição do conhecimento, o qual articula as disciplinas e as atividades ao cotidiano escolar, aproximando, assim, nossa prática à realidade da escola, possibilitando discutir suas problemáticas.

O fato de não conhecer a diversidade cultural do Brasil, e, muitas vezes, nem mesmo a sua própria cultura, e de não receber orientações corretas a respeito das mesmas, faz com que as crianças criem ou reproduzam situações de discriminação na escola.

A escola é o lugar onde a criança convive com a diversidade, seja cultural, social ou religiosa, neste ambiente ela tem a oportunidade não só de conhecer, todavia, de vivenciar a pluralidade existente em nosso país.

Nesse sentido é extremamente importante que o trabalho desenvolvido em sala seja bem fundamentado e voltado para a formação de um cidadão consciente da sua identidade social. A escola não pode ser um espaço para a reprodução das desigualdades, deve sim trabalhar para que essas diferenças sejam vistas com respeito. É preciso abandonar a prática de se falar sobre a história ou cultura afro-brasileira relacionando-as às datas comemorativas e começar a tratar o tema com a responsabilidade que nos cabe, vivenciando diariamente esta cultura tão rica, buscando suas raízes e sua história, mostrando sua importância para a construção desse país.

Diante do exposto, que caminhos poderíamos seguir para construir uma educação que constitua uma identidade social positiva livre de preconceitos e estereótipos?

O processo de formação da sociedade brasileira não está restrito à chegada dos portugueses e ao tráfico de escravos negros. É um assunto extenso e complexo.

Como podemos mostrar o valor do negro nesse processo se ele nos é apresentado como o escravo que devia servir e obedecer aos brancos? Por que isso ocorre? Quem instituiu o homem branco como um ser superior? Que fatos levaram a escravização do negro? Como é possível saber se realmente os negros foram injustiçados ou se nasceram para a servidão? O que eu sei, afinal, sobre esse povo de um lugar tão distante e tão desconhecido para mim?

Para respeitar essa cultura, é importante conhecer a história, a origem da mesma. Pesquisar as raízes, os costumes, as religiões, a linguagem, enfim, explorar este imenso continente chamado África, no qual residiram nossos antepassados.

Buscando responder a todas essas questões e tantas outras que surgiram pela frente, realizamos uma pesquisa teórica-prática. Para a pesquisa teórica, realizamos levantamento bibliográfico e para pesquisa prática utilizamos como instrumentos de coleta de dados: questionários com professores das Séries Iniciais que apresentem ou não experiências bem sucedidas no trabalho com história e cultura afro-brasileira; análise de livros didáticos e atividades com imagens. Para análise de dados foram utilizados os métodos qualitativos, que buscam fundamentar os resultados obtidos comparando as informações e valorizando a subjetividade das ações dos indivíduos. Isto implica dizer que focalizamos nossa atenção nos significados das ações observadas tentando interpretá-los.

Ao realizar este projeto temos em mente as dificuldades que se apresentam aos professores das Séries Iniciais e mesmo de outras séries, no que se refere à maneira mais plausível de se trabalhar a história e cultura afro-brasileira, por isso julgamos fundamental empreender ações que dêem vida às discussões e reflexões sobre a igualdade, a justiça social e o bem coletivo.

2. JUSTIFICATIVA

Atualmente a formação de professores não nos prepara para trabalhar com os desafios colocados pela presença dos jovens negros em sala de aula, bem como a grande diversidade aí existente.

Para alcançar a formação cidadã dos jovens negros, sem branqueá-los, como tem sido feito atualmente, é necessário que o professor tenha acesso e conheça uma proposta pedagógica que contemple a discussão de temáticas como preconceito, racismo, discriminação, etnocentrismo, desigualdades raciais, realidade social do negro, história e cultura do negro brasileiro.

Considerando que a pesquisa é um elemento essencial na formação profissional do professor e que ela deve ser parte integrante do trabalho docente, decidimos utilizá-la para investigar a situação atual dos trabalhos com história e cultura afro-brasileira nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e encontrar sugestões e novas metodologias para o sucesso deste trabalho.

Através desta pesquisa buscamos mostrar que o ensino da história e cultura afro-brasileira tem sido tratado com descaso e até mesmo ignorado, o que acaba por reforçar as situações de discriminação em sala de aula e o aumento das desigualdades sociais.

Sabemos que, apesar de enfrentar, diariamente, situações complexas em sala de aula que exigem decisões imediatas e ações imprevisíveis, o professor precisa ter um espírito de investigação que o ajude a solucionar problemas e encontrar caminhos alternativos na sua prática.

Sabemos ainda que a pesquisa leva o professor a uma atitude reflexiva em seu trabalho e o ajuda a produzir e socializar conhecimento pedagógico.

Segundo Marli André (2001), pesquisadora da área de formação de professores, é extremamente importante que o professor aprenda a observar, a formular questões e hipóteses e a selecionar instrumentos e dados que o ajudem a elucidar seus problemas.

No Brasil, quase metade da população é constituída por habitantes negros ou descendentes da raça negra. No entanto, é possível afirmar, que pouco se conhece sobre a história e cultura africana. Atualmente a maioria dos livros trata a história do negro

somente na perspectiva da escravidão, enfatizando, mesmo que de forma implícita, uma suposta superioridade branca, o que reforça a desigualdade racial.

Na busca de novas possibilidades de igualdade e justiça social e para que a situação atual não continue a se reproduzir, é necessário resgatar e reconstruir uma história com versões e raízes afrocêntricas.

Um olhar atento a leituras sobre o tema em destaque, nos leva a perceber afirmações de que os educadores encontram-se despreparados para abordar tal questão em sala de aula.

Esta pesquisa é de grande relevância para nossa formação profissional e pessoal, porquanto nos permitir rever a forma como vem sendo tratada a história afro-brasileira nas escolas, e como a abordagem atual influencia na relação raça/etnia, gênero e desempenho escolar, nas Séries Iniciais no Ensino Fundamental.

A investigação nos possibilita a repensar a nossa práxis e o currículo escolar na busca de novas metodologias para atuarmos como educadores multiplicadores de informações livres do estereótipo racista, agindo assim, como líderes intelectuais transformativos visando garantir a equidade social.

A construção de uma sociedade mais justa e democrática, tão almejada atualmente, deve passar obrigatoriamente pela conscientização e formação de cidadãos que integrem conhecimentos culturais e sociais, desenvolvendo valores e habilidades voltados para a igualdade, à justiça social e ao bem coletivo.

Nesse sentido é preciso empreender trabalhos a fim de desconstruir a visão eurocêntrica da cultura brasileira e passar a considerar a questão racial como relevante no resgate da identidade racial e da auto-estima do povo negro, a partir da recuperação de raízes histórico-culturais e da eliminação das imagens negativas do negro nos materiais didáticos, na relação professor-aluno, aluno-aluno, dentre outros.

Conscientes de nosso papel na formação de cidadãos e de nosso dever de investigar e conhecer a nossa realidade a fim de elaborar novos conhecimentos, assumimos o papel de pesquisadoras e empreendemos esforços para encontrar respostas para dúvidas que se fazem presentes em muitas salas de aula.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

Escolas e educadores tradicionais se dizem preocupados em trabalhar com as características de seus alunos. Mas, inúmeras vezes, essa preocupação se traduz em trabalhar para alterar as características étnico-culturais e sociais destes alunos. Vemos então, o eurocentrismo educacional, branqueando e anulando a possibilidade de diferentes processos educativos.

Diante do exposto, que caminhos poderíamos seguir para construir uma educação que constitua uma identidade social positiva livre de preconceitos e estereótipos? Como podemos acabar com o eurocentrismo presente em nossa sala de aula e em nossa realidade como um todo, estampado em todo e qualquer material didático utilizado em sala de aula?

Que tipo de formação, ou consciência, o professor deve ter para realizar um trabalho significativo para seus alunos negros? Que materiais estão disponíveis para o professor que deseja pesquisar sobre o assunto e mudar sua conduta em sala de aula? A quem o professor pode recorrer para ser corretamente orientado a respeito do trabalho com o ensino de história e cultura afro-brasileira?

Que tipo de conduta o professor deve assumir em sala diante de comportamentos preconceituosos? Como conscientizar seus alunos do valor que tem a diferença e ajudá-los a desenvolver o respeito mútuo como um valor? Como mostrar aos alunos que a sua origem cultural é importantíssima para ele e que ela não deve ser substituída, apagada ou esquecida e sim transmitida e revelada?

Como podemos mostrar o valor do negro no processo de construção da sociedade brasileira se ele nos é apresentado como o escravo que devia servir e obedecer aos brancos? Por que isso ocorre? Quem instituiu o homem branco com um ser superior? Que fatos levaram a escravização do negro? Como é possível saber se realmente os negros foram injustiçados ou se nasceram para a servidão? O que eu sei, afinal, sobre esse povo de um lugar tão distante e tão desconhecido para mim? O que eu deveria saber para ser um cidadão consciente da minha condição, da minha origem e do meu papel na sociedade?

Para essas e tantas outras perguntas que possam surgir eventualmente realizamos uma pesquisa a fim de perceber como esse tema vem sendo tratado e de como deveria ser.

4. DELIMITAÇÃO TEÓRICA

4.1. Histórico da disciplina de História

Para tratarmos o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é preciso analisarmos atentamente o contexto social, econômico, político e cultural sobre os quais é construída a História como disciplina escolar no Brasil. Deve-se conhecer qual foi a importância dada a participação do negro nesta historiografia enfocando a trajetória da etnia desde seu país de origem até a chegada ao Brasil e a imposição da escravidão. É importante considerar também as ações governamentais que regulamentam a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas do país, identificando os caminhos apontados e verificando o que de fato tem sido transformado.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (2001, vol.5), a História surgiu como disciplina optativa para as escolas elementares em 1822 e tinha como objetivo principal fortalecer a moral cívica e cristã.

Ao longo do tempo, esta disciplina sofreu muitas mudanças em seu objetivo principal, passando de História Sagrada e Civil, para História Universal, chegando a História do Brasil, História Natural e finalmente a História Profana, com objetivos de discutir temas como o fim da escravidão e do império.

Contudo, por ser uma disciplina optativa, os professores não costumavam trabalhá-la em sala de aula, priorizando o ensino de leitura e escrita, bem como princípios de Aritmética e ensino da Doutrina Religiosa.

No final do século XIX, a educação passou a ser vista com forma de realizar uma transformação no país. O regime republicano em busca de um nacionalismo patriótico e um espírito cívico da nação, passa a ver a escola como meio e principal agente dessa mudança. Neste contexto a História passa a ocupar no currículo um papel civilizatório e patriótico.

Segundo os PCN's (2001, vol. 5), após a Segunda Guerra Mundial a História passou a ser uma disciplina significativa na formação de uma cidadania para a paz. Ela foi repensada e reformulada por diversas vezes a fim de se encontrar o melhor meio de abordá-la em sala de aula. Hoje o ensino de História passa por um processo de mudanças substantivas em seu conteúdo e método.

Stefâníe Arca Garrido Loureiro (2004, p. 59) comenta a respeito de identidade social dizendo que: “Os papéis desempenhados por um indivíduo dão a ele uma identidade social”. Afirma ainda que o papel social e a identidade estão interligados e que a identidade se transforma de acordo com os aspectos pessoais, sociais e históricos de forma consciente e inconsciente.

Nota-se nos PCN’s uma real preocupação com a constituição de uma identidade social. Assim, os estudos de História e os conteúdos selecionados buscam levar o aluno a desenvolver noções de diferença e de semelhança, de continuidade e de permanência, no tempo e no espaço.

É primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais, já que para a sociedade brasileira a questão da identidade tem se tornado um tema de dimensões abrangentes, uma vez que se vive um intenso processo migratório que desarticula as formas tradicionais de relações sociais e culturais.

A historiadora Thaís Nívia de Lima e Fonseca (2003) complementa o estudo dos PCN’s de História em seu livro: “História e Ensino de História”, buscando uma melhor compreensão sobre como e por que hoje ensinar História nas escolas.

De acordo com suas afirmações as disciplinas escolares surgem do interesse de alguns grupos, mas, sobretudo da Igreja e do Estado. É nesse contexto que, somente a partir do século XVIII a História começa a aparecer como um saber mais estruturado e preciso, mas ainda apoiada na religião. Como disciplina escolar a História desponta ao longo do século XIX, marcada por uma perspectiva nacionalista que conciliava os interesses políticos do Estado e alguns elementos culturais que garantiam a construção de uma identidade social coletiva.

No Brasil, só após a independência, nas décadas de 20 e 30 a História se constitui como disciplina escolar, porém havia um problema a ser enfrentado, a exclusão da extensa população escrava e pobre, que era numericamente superior à população livre em várias partes do país. A explosão de revoltas violentas e as influências culturais advindas dessa população eram as grandes preocupações das elites.

O mecanismo de controle eficiente encontrado pelas classes dominantes foi a educação escolar, que atuaria como meio de conformação social e cultural, ou seja, difundiria uma idéia de identidade nacional previamente elaborada.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB foi criado em 1838 e elaborou uma História Nacional que partia da mistura das três raças, ressaltando o branco e sugerindo um progressivo branqueamento da população.

O historiador Clóvis Moura (1990), reforça este fato quando afirma que IHGB produziu um tipo de história oficial, retratando padrões conservadores e escravistas, buscando justificar a ordem escravocrata e a inferiorização do negro.

Fonseca (2003) continua relatando que já no início do século XX, vários autores de livros didáticos apoiavam-se na idéia da História com papel fundamental na formação de cidadãos conformados com a ordem social vigente, além de instigar um espírito de patriotismo e participação consciente.

As aulas em sala seguiam essa tendência, sendo marcadas pelo autoritarismo do professor e pela atitude passiva e receptiva do aluno, sem qualquer reflexão ou crítica no processo de “aquisição de conhecimentos”.

Ocorreram muitas mudanças no Brasil a partir da década de 80 e isso forçou que os materiais produzidos fossem condizentes com os novos programas e tendências da historiografia contemporânea.

É certo que a disciplina História não é a mesma desde a sua constituição, porém há ainda muitos elementos ligados a práticas tradicionais que ecoam em nossos dias e continuam sendo repetidas e algumas chegam a fazer sentido.

Moura (1990) destaca os preconceitos e os julgamentos de valor negativo que foram embutidos nas primeiras obras de História do Brasil e atribuídos ao negro.

Segundo ele, a historiografia produzida no Brasil, é fruto de um pensamento elitista, eurocêntrico e racista, que jamais atribuiu aos negros seus feitos e contribuições para a nossa sociedade.

Essa forma de pensamento - e produção literária – transformou o negro em desconhecido. A sua contribuição na construção do nosso país, tem sido negada durante todo o percurso da nossa história. Os historiadores jamais viram o africano como força

dinâmica na formação política, social, cultural ou psicológica brasileira. Apenas destacaram suas atribuições de escravo produtor de uma riqueza da qual não participava.

Para o autor, os primeiros tratados de História do Brasil foram elaborados em um contexto escravista, sendo assim, os escritores estavam subordinados ao pensamento dominante da época e retratavam em suas obras os valores racistas e os interesses dos senhores de escravos.

As produções historiográficas do Brasil nos séculos XVIII, XIX e XX, se caracterizaram pela omissão ou subestimação do negro, ou ainda, pela sua inferiorização, colocando-o como produto de um retardamento do processo de evolução humana. Ao longo do tempo, essas produções permaneceram como instrumento ideológico.

A socióloga Rosália de Oliveira Lemos (2001) compartilha dessa idéia quando afirma que a ideologia racista e preconceituosa perdura até os dias atuais, devido a consolidação de informações que mantêm um certo poder sobre as pessoas, como sendo uma verdade incontestável.

E para reconstruir essa classificação errada que determina uma posição de inferioridade do negro na sociedade é necessário mais que o reconhecimento dos erros cometidos.

A autora declara ser de grande relevância a utilização dos meios de comunicação para fazer a sociedade perceber a diferença étnica como universal, e assim agir segundo novos valores éticos.

Fonseca (2003) complementa esta reflexão quando conclui que desde a formação do súdito fiel até a do cidadão crítico, consciente e participativo, um longo caminho foi percorrido e nesse ínterim poucas transformações foram detectadas no ensino de História quanto à escravidão no Brasil.

Segundo o autor, a escravidão sempre foi mencionada nos livros didáticos, porém os textos eram carregados de um tom de piedade, mesmo quando tratando de manifestações de resistência da população negra. As imagens eram escassas ou inventadas. Assim, tanto os livros didáticos quanto o ensino de História quase não mudaram ao longo do tempo no tratamento do tema da escravidão. Mesmo após algumas mudanças políticas e na produção acadêmica na década de 80, as manifestações de resistência ou culturais do negro eram consideradas simbólicas, menores ou sem resultados eficazes.

Recentemente, após a elaboração dos PCN's que tratam os temas transversais, algumas publicações didáticas propõe uma discussão mais ampla sobre o assunto, mas ainda reservam pouco espaço a abordagens mais críticas a respeito da história do negro escravo ou livre, como um cidadão e não como uma vítima ou coisa.

4.2. Pluralidade Cultural Brasileira e História Africana

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural (2001, vol. 10) reforçam a idéia de que o Brasil é um país formado por várias etnias que se originaram ao longo de um extenso processo histórico de integração. Buscam ainda, demonstrar a importância de se ter conhecimento sobre as diferentes etnias existentes no país, respeitando-as e valorizando-as em suas diferenças culturais, a fim de combater o preconceito e as desigualdades sociais permitindo a formação do cidadão responsável por participar do destino do país.

A vida social brasileira é marcada pela diversidade e isso acontece também na escola.

Os PCN's enfatizam a diversidade presente na escola como um ponto de partida para trabalhar as diferentes culturas existentes. Cada integrante da comunidade escolar tem uma origem, cada um vem de uma família diferente com uma história distinta repleta de particularidades que as diferem das demais. Existe aí, verdadeiramente, um baú de riquezas a ser descoberto. No entanto, mesmo que se tenha a intenção de desvendar e usufruir dessa diversidade, como fazê-lo, se a maioria de nós perdeu, há muito, suas raízes, sua identidade?

Todo esse processo de aniquilamento da cultura de um povo gerou o preconceito e a discriminação racial. A historiadora Maria Aparecida da Silva (2001, p. 75) traz-nos conceitos simples e diretos sobre estes temas:

“O preconceito é uma atitude negativa com relação a um grupo ou pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo da pessoa preconceituosa é considerado um ponto positivo de referência. É uma posição psicológica que acentua sentimentos e atitudes endereçados um grupo como todo, ou a um indivíduo por ser membro dele.

A discriminação, por sua vez, é a manifestação comportamental do preconceito, ou seja, é a materialização da crença racista em atitudes que limitam ou impedem o desenvolvimento humano pleno das

“pessoas pertencentes ao grupo discriminado e mantêm os privilégios do grupo discriminador...”

Preconceito e discriminação racial são assuntos que se tornaram complexos e, até mesmo, delicados em se tratar, devido ao fato de que é mais fácil evitá-los do que encará-los. Além disso, a adoção da teoria da igualdade ainda é preferível a assumir a verdade, muitas vezes assustadora, da realidade vivenciada pelos negros.

O primeiro passo a ser dado para reverter essa situação é o reconhecimento de que em todas as camadas da sociedade e nos diversos espaços sociais, verifica-se discriminação e preconceito, inclusive nas escolas.

O trabalho com a pluralidade cultural para ser bem empreendido nas escolas deve ser fundamentado nas diversas áreas do conhecimento, como determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004, p.32) no terceiro parágrafo do artigo terceiro que diz: “O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil”.

Ainda nos PCN's de Pluralidade Cultural (2001, vol. 10) percebe-se uma reafirmação disso quando ao tratar os conhecimentos históricos diz que é preciso pesquisar sobre a formação histórica do Brasil, as trajetórias das etnias e as formas de resistência encontradas por estas para preservar sua identidade cultural.

Em Geografia podem-se estudar os continentes de origem dos diversos grupos étnicos, bem como as regiões brasileiras onde vivem.

Deve-se ainda, buscar conhecimentos sociológicos, antropológicos, psicológicos, entre outros. Enfim, o trabalho deve ser bem fundamentado nas diversas áreas, a fim de conhecer os problemas presentes na estrutura socioeconômica da escola.

A obra da historiadora Leila Leite Hernandez (2005), expõe uma pesquisa a respeito da história do povo africano no seu continente de origem, favorece a materialização das sugestões para o trabalho com o tema diversidade proposta anteriormente.

A autora afirma que por muitos anos “o saber ocidental” fundamentado no método racionalista, predominou sobre o universo, construindo uma imagem equivocada e preconceituosa do continente africano.

Os estudos sobre essa parte do mundo, baseados nos interesses Político-econômicos europeus, atribuíram ao povo africano um grau de primitivismo e inferioridade.

Esses estudos apontam para a existência de uma África branca que por estar ligada ao Mediterrâneo apresenta uma população com características próximas as dos ocidentais. E uma África negra quase desconhecida por estar separada pelo deserto do Saara.

Guiados por esse desconhecimento e pela padronização cultural segundo a ideologia européia, o povo negro africano é classificado com características negativas.

Segundo a autora, o discurso do filósofo Friedrich Hegel, contribuiu significativamente para fortalecer o pensamento errôneo dos ocidentais, ao afirmar que na África o ser humano vive como selvagem, incapaz de produzir cultura. Então, pensar sobre o africano naquela época significava tratar do homem violento, estúpido, bárbaro, que era dominado por suas próprias paixões. Tudo isso sinônimo de uma única palavra: negro.

Todo esse sistema classificatório serviu como ponto inicial do discurso justificador europeu para o tráfico negreiro.

Entretanto, contradizendo as afirmações que idealizam uma divisão entre as Áfricas, e apresentam a África do sul como um continente sem história, obras importantes foram encontradas em arquivos da África e da Europa que mostram intercâmbios entre essas “duas Áfricas” e enfatizam sua historicidade ao relatar aspectos importantes de sua organização social e política.

Hernandez (2005) declara que essa nova abordagem na historiografia e antropologia da África foi reconhecida aos poucos em meados do século XX, possibilitando um questionamento crítico dos preconceitos europeus. Alguns historiadores e pesquisadores buscaram reconstruir a identidade africana identificando e valorizando suas particularidades histórico-culturais.

A autora esclarece que, a releitura de livros de autores do Velho Mundo Mediterrâneo, possibilitou perceber num povo tido como primitivo um dinamismo sócio-cultural com características próprias.

A arqueologia e o estudo da tradição oral, também contribuíram de forma especial para tornar conhecidas as técnicas e a autenticidade de um povo antes julgado sem cultura.

Os registros escritos foram de grande relevância no questionamento da inicialização da história africana a partir da escravidão atlântica e do colonialismo. Pois, eles desmentem

a idéia de duas Áfricas incomunicáveis, descrevendo a comercialização entre elas e suas organizações sociais e políticas.

Os intercâmbios comerciais internos utilizavam inúmeras mercadorias. Entre elas estava o ouro, o sal, as pedras preciosas e vários produtos agrícolas. O povo negro feito escravo, também era tido como mercadoria.

As razões que originavam essa escravidão interna eram as guerras entre os “Estados” em que o povo cativo servia aos mercadores por tempo determinado; a fome que obrigava os destituídos a vender os filhos ou a si mesmo na busca da sobrevivência e como punição judicial. Em todas essas situações os escravos eram relativamente bem tratados.

Todo esse conhecimento sobre o sistema africano trouxe a luz à verdade que desmistificou a idéia de um continente “sem história”. Apresentou raízes justificadoras da intolerância e opressão européia sobre os africanos e permitiu a concretização das proposições que direcionam a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no ensino brasileiro referidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino desta disciplina (2004, p. 31):

“O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.”

Reafirmando o que está previsto nas Diretrizes Curriculares da Lei 10639/2003, que torna obrigatório a Inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio no Brasil o historiador Jaime Pinski (2004), desenha de forma crua o quadro da escravização do negro no país, revelando distorções desta fase de “relacionamento” entre seres humanos que marcou tanto os africanos desde o período colonial, quando foi trazido ao Brasil, até os dias atuais.

O autor afirma: “A escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro, de forma completa: o escravo não é apenas propriedade do senhor, mas também sua vontade está sujeita a autoridade do dono e seu trabalho pode ser obtido até pela força” (2004 p. 11), Pinski explicita a real condição do negro na sociedade. Não se tratava de forçar um ser

humano a servir como força de trabalho a outro somente, mas de anulá-lo em suas vontades, em sua dignidade e em sua condição humana.

Segundo Pinski (2004), a escravidão no Brasil tem início com a chegada dos portugueses no país. Isso, porque os portugueses já adotavam esta prática desde 1441, quando a mão-de-obra escrava supria a carência populacional pela qual Portugal passava devido às viagens ultramarinas, mas é só a partir de 1444 que as expedições portuguesas se dedicam especialmente a isso.

Dentre os vários elementos “justificadores” da escravidão do negro, estava o fato da “salvação espiritual”. Os males sofridos e a perda de liberdade dos africanos seriam assim compensados.

O autor ressalta que o índio foi primeiramente escravizado no Brasil pelos europeus e elenca fatores que influenciaram a troca da mão-de-obra escrava do índio pela do negro (2004, p. 20):

“...a fraca densidade demográfica da população indígena no Brasil; o fato de as tribos ficarem cada vez mais arredias, a partir da percepção do interesse do branco em escravizá-las; a dizimação dos indígenas por meio da superexploração de sua força de trabalho; a proteção jesuítica; o interesse da Coroa e dos traficantes.”

Assim, o negro foi trazido ao país para trabalhar exaustivamente nas grandes lavouras, onde o poder era baseado nos proprietários e na sua família que dirigiam feitores e agregados, mas principalmente os escravos. Primeiro na produção de açúcar, depois do café e nas atividades auríferas, a propriedade escravista era a principal característica do período colonial da agricultura brasileira.

O historiador critica duramente a idéia passada através dos anos de que o negro, ao contrário do índio, era naturalmente escravo, sem liberdade. Além disso, revela um erro histórico, que classificou por anos as sociedades africanas como primitivas e diz (2004, p. 28):

“... Lançando um olhar rápido sobre a África na época dos descobrimentos, no início do tráfico mercantilista, podemos conhecer desde grupos com organização social tribal, como povos já divididos em classes sociais e sociedades tribais-patriarcais. Agricultura, pecuária, artesanato com madeira e metais, e outras atividades econômicas desenvolvidas com bastante competência...”

Inúmeras eram as humilhações e atrocidades sofridas pelos africanos desde sua “captura” na África até a sua vida cotidiana nas lavouras.

Ainda na África, eram “capturados” em tribos diferentes e trazidos ao Brasil acorrentados após serem marcados a ferro. Essas e muitas outras humilhações a que os negros foram submetidos durante todo o período em que foram escravizados não tiveram o resultado esperado pelos opressores, a conformação e aceitação das condições de trabalho forçado, ao contrário, as fugas, as revoltas, os suicídios e assassinatos foram sinais constantes da inconformidade dos negros com a falta de liberdade.

Todo esse quadro desenhado por Pinski (2004) rompe preconceitos e desvenda a real participação do negro na sociedade brasileira e na sua libertação da escravidão, corrigindo outro erro da história que atribuía aos brancos todo o mérito pela abolição.

4.3. A construção da identidade e da auto-estima negra.

Segundo a pedagoga Jeruse Romão (2001), a criança negra traz na sua história as características da cultura negra. Tem a tendência de apresentar como traços de sua personalidade, o dinamismo e a interatividade.

Na escola esse dinamismo não é compreendido. Muitas vezes esse traço característico da criança negra é visto como indisciplina pelo professor que irá estimulá-lo a anular essa característica oferecendo diariamente a essa criança, estímulos negativos.

Assim a criança negra não será capaz de construir uma identidade social, cultural e familiar. Ela irá concluir que a sua origem, sua história, não é adequada para a sociedade. Para reforçar esse pensamento ela perceberá que o seu material didático exclui o negro.

A fim de mudar essa realidade, a escola e o professor, deve tomar três atitudes muito importantes:

A primeira é compreender os alunos como seres individuais que pertencem a culturas coletivas, ou seja, um aluno não é igual ao outro.

A segunda é compreender que esta individualidade faz parte de uma coletividade, de um grupo cultural, racial, étnico, econômico, regional, dentre outros.

A terceira seria estimular o desenvolvimento da criança em seu conjunto, observando todos os seus aspectos.

A autora afirma que a afetividade é o ponto de partida para que a criança tenha uma auto-estima elevada. O gostar de si e do outro a ajudará a construir possibilidades de se aceitar e de ser aceita.

Na infância a construção da auto-imagem se baseia nas informações dos outros sobre nós e o mundo, sendo assim, é na família ou na escola que a criança recebe as primeiras referências sobre ela e o mundo, já que estes são os meios sociais comuns a ela nessa fase da vida.

A partir da escola a criança terá a possibilidade de construir a sua auto-estima, de poder se aceitar e ser aceita, gostar de si e ser “gostada”, para que isto se reflita externamente.

Para contribuir na construção dessa auto-estima, o professor tem o dever de romper com os preconceitos e estereótipos. Ele deve ter consciência que as crianças tem toda uma experiência de vida antes da escola e fora dela e que o processo de ensinar não é simplesmente transmitir conhecimentos.

É preciso romper com a prática educativa que busca o “adestramento” de nossas crianças, que os vê de forma similar, esquecendo-se de sua individualidade e que tende a padronizar comportamentos. Agindo dessa forma, o professor simplesmente reforça e contribui para a marginalização dessas crianças.

A Dra. em Lingüística Maria Nazaré Mota de Lima (2005) aponta a desconstrução da visão eurocêntrica da cultura educacional brasileira como elemento fundamental para reforçar a identidade e a imagem positiva do negro nos materiais didáticos e nas relações sociais na escola. E para que isto ocorra é necessário a instrumentalização do professor, provocando-o a repensar suas concepções acerca dos temas racismo, preconceito, ideologia, cultura, gênero e estereótipos, de forma a recolocar os currículos a partir da identidade e da diversidade.

Lima (2005, p. 26) destaca também a importância de trabalhar a identidade do professor sem deixar sobre ele a total responsabilidade ou “culpa” da reprodução das desigualdades pela escola no trecho:

“Trata-se, enfim, de dar voz à professora para dizer do racismo nela, contra ela, testemunhando por ela. Isto sem culpa, mas com consciência e desejo de fazer diferente e influenciar para que ‘a sua volta as coisas se dêem um jeito também diferente, com mais respeito, mais tolerância, mais produtividade, mais ideologia’...”

Romão afirma ainda que muitas atitudes podem ser tomadas pelo professor e pela escola a fim de estimular o pleno desenvolvimento de seus alunos e a valorização de sua identidade social e racial.

Desvincular a imagem do negro de datas comemorativas como o dia 13 de maio, por exemplo, e torná-la parte do cotidiano e de toda rotina escolar, é uma delas.

Muitas escolas que se dizem preocupadas em trabalhar as características de seus alunos, acabam trabalhando para modificar tais características, demonstrando o eurocentrismo educacional, branqueando e anulando a possibilidade de diferentes processos educativos.

Assim, muitos de seus alunos acabam por negar sua negritude, cultura ou identidade, ou ainda oferecem resistência ao processo de aculturação e são classificados pelos próprios educadores como rebeldes ou indisciplinados. Afinal, tudo o que não atende a norma etnocêntrica e branca é desvio marginal.

Romão conclui que a afetividade existente na relação professor-aluno pode ser a base para combater a discriminação e o sentimento de inferioridade gerado em muitas crianças negras em sua vida escolar.

O educador precisa compreender as diferenças existentes em sua sala de aula, a fim de estimular seus alunos ao autoconhecimento, sabendo reconhecer e conhecer sua identidade.

É papel do educador buscar informações reais e concretas sobre as crianças, redescobrir a história e possibilitar a troca entre os diversos grupos étnicos existentes em sua sala. Ele deve atuar contra os preconceitos e pela promoção da igualdade.

Para conduzir os seus alunos afro-descendentes a uma formação de sua identidade, o educador precisa refletir e reaprender sobre o que ensina. Deve buscar conhecimentos sobre a história e cultura desse aluno e de seus antecedentes. Deve comprometer-se no combate ao racismo e com a perspectiva multicultural da educação.

O historiador Nelson Silva de Oliveira (2001), defende a construção da identidade afro-brasileira como marco fundamental para que os negros possam exercer plenamente sua cidadania. E isso deve começar com uma historiografia que destaque além dos personagens portugueses ou brasileiros brancos evidencie também alguns vultos negros. Segundo o autor, trata-se de recuperar a auto-estima da criança negra valorizando sua cultura, suas

tradições, seus costumes e a sua história, abandonando práticas que por anos estimularam o branqueamento da população.

O ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula deve ultrapassar as reflexões superficiais em que o ensino é motivo para eventos de 13 de maio ou 20 de novembro.

Devemos trabalhar a resistência negra combatendo o racismo que está presente no cotidiano de alunos, professores, servidores e todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, ao planejarmos as aulas de história nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental Básico é importante trabalharmos a construção da identidade e o fortalecimento da auto-estima. Isso ocorre quando proporcionamos atividades que viabilizam a identificação dos diferentes traços culturais existentes no grupo da sala de aula, valorizando o perfil e a história pessoal dos alunos.

Nas séries finais da Educação Básica (3º e 4º séries) o objetivo continua sendo a construção da identidade e o reforço da auto-estima, porém, agora enfocando a importância dos negros na formação cultural e étnica brasileira, destacando os aspectos históricos de vida, luta e resistência desse povo através da história.

Ressaltar figuras históricas negras e valorizar suas manifestações culturais, artísticas, religiosas e de produção de conhecimento contribui para uma mudança em toda ação pedagógica, que deixa de tratar, por exemplo, de festas folclóricas e passa a desenvolver projetos de valorização da cultura popular.

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira deve ser interdisciplinar e diversificado, podendo ser orientadas pesquisas; construções de painéis e brinquedos; oficinas de pintura, música e teatro; organização de mostra de trabalhos incentivando a participação da comunidade na qual a escola está inserida; entre outras.

5. METODOLOGIA

5.1. Objeto de estudo

Metodologia voltada para o ensino de história e cultura afro-brasileira nas Séries Iniciais.

5.2. Objetivos

5.2.1. Objetivo geral

Realizar uma pesquisa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira nas Séries Iniciais, visando a constituição de uma identidade social no cidadão.

5.2.2. Objetivos específicos

Buscar tendências no ensino de História que auxiliem na compreensão do que significa, hoje, ensinar História nas escolas, ou seja, reconhecer a existência do racismo no Brasil e a necessidade de valorização e respeito aos negros e a cultura africana; identificar as causas e conseqüências da dispersão dos africanos pelo mundo, abordando a história da África antes da escravidão; pesquisar as contribuições dos africanos para o desenvolvimento da humanidade, contribuindo assim para efetivação da lei nº 10639, que prevê a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar para as Séries Iniciais. Para tanto, esperamos também criar novas formas de abordagem do tema.

5.3. Diagnóstico das escolas

5.3.1. Escola Classe 116 de Santa Maria

Docente:

Fabiana Alves Bezerra

Em 07 de março de 1994 a Escola Classe 116 de Santa Maria abria suas portas pela primeira vez à comunidade, dando início ao ano letivo. A Escola contava com 12 salas de aula e aproximadamente 1.600 alunos, distribuídos do CBA x 8ª série, e Ensino Especial, tendo como 1ª diretora a professora Maria Rita Vieira Ferreira.

Em 2002 assumiu a direção o professor Marco Antônio Ferreira Sobrinho e a professora Zuleide de Moura e Silva, sendo esta Vice-Diretora e aquele Diretor, tendo como objetivo maior manter a qualidade de ensino oferecidos por esta escola, valorizando o lúdico, o civismo, as artes e o respeito às diferenças do ser humano. No momento em que o Brasil descobre o valor das parcerias, no dia 16 de julho de 2002 a E.C. 116 oficializou uma parceria com o Instituto Escola Brasil do Banco Real ABN, a qual vem trazendo algumas melhorias físicas ao espaço onde 1.100 alunos são recebidos diariamente.

O ano de 2006 inicia com novos membros na equipe de direção. O professor Marco Antônio continua como Diretor, e agora como Vice-Diretor, assume o professor Marcelo Torgone Vicente da Silva, que diariamente tenta inserir valores educacionais os quais visam a autonomia, o conhecimento e a independência do cidadão. A professora Rosemary Victoriano assume como Encarregada Pedagógica, a professora Sebastiana Aparecida Batista Gomes assume como Encarregada Administrativa e a coordenação pedagógica é assumida pelas professoras Mayra Elayne Marques Cabral e Maria Darlene da Silva Santos.

Atualmente a escola é composta por: dezessete salas de aula, um laboratório de informática, uma sala para o atendimento psicopedagógico, uma sala de leitura, uma sala de reforço, uma sala de vídeo, uma sala para coordenação dos professores, uma sala para o diretor, uma para o vice-diretor e encarregado do pedagógico, uma sala para o encarregado do administrativo e coordenadores, uma sala para secretaria e uma sala para os servidores,

um banheiro feminino e um masculino para alunos e um banheiro feminino e masculino para professores, um banheiro para os servidores, um parque para a educação infantil, uma cantina, um pátio, uma quadra, um estacionamento para funcionários, um depósito para material de limpeza, um para materiais de expediente, e um para merenda.

Este estabelecimento de ensino trabalha somente no diurno, sendo o matutino composto por: quatro turmas de educação infantil, três primeiras séries, duas segundas séries, duas terceiras séries, três quartas séries, uma turma de Aceleração da Aprendizagem (série iniciais) e um ensino especial. No vespertino: são: três turmas de educação infantil, três de primeira série, duas de segunda, três de terceira, três de quarta, uma de ensino especial e uma de Condutas Típicas, perfazendo um total aproximado de 866 alunos. Cabe ressaltar que a escola trabalha com duas turmas de 4ª série reduzidas e quatro turmas de integração inversa, duas 1ª séries, uma 3ª série e uma 4ª série.

A comunidade atendida é de baixa renda, filhos de pais detentores de uma escolaridade mínima para os dias atuais, muitos cursaram até a 4ª série do ensino fundamental, outros são totalmente analfabetos; famílias que apresentam suas peculiaridades; muitos alunos são filhos de pais separados, ou são criados por tios, avós ou mesmo por pessoas sem parentesco nenhum. O índice de desemprego na comunidade escolar é bastante elevado sendo muitas vezes causa de distúrbios familiares, os quais prejudicam muito a vida e o desempenho escolar do aluno.

Há outros fatores relevantes que terminam por interferir no processo de ensino e que se somam à superlotação das salas de aula: dentre os quais podemos listar a indisciplina dos alunos, a falta de acompanhamento por parte dos pais, fatores que encabeçam a lista dos problemas apresentados no ensino público.

A 4ª série, turma “D”, turma da docente em questão, está situada na sala “C-9”. É composta por 19 alunos com idade entre 9 e 12 anos, sendo dois alunos diagnosticados como portadores de “Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade” (TDAH). Sendo assim a turma é reduzida em 40%.

5.3.2. Centro de Ensino Fundamental 403 de Santa Maria

Docentes:

Elivania da Silva Cruz

Hosania Meira Amaral

O Centro de Ensino Fundamental 403 de Santa Maria foi inaugurado em agosto de 1995, para atender os alunos residentes nas quadras próximas e Condomínio Porto Rico. Está situada na QR 403 lote A – Área Especial.

A escola funciona nos períodos matutino e vespertino, atendendo a uma clientela de 993 alunos, sendo uma escola inclusiva para alunos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais com Deficiência Física. Entretanto, recebe também alunos com outras deficiências: DV (Deficiência Visual); DA (Deficiência Auditiva); DM (Deficiência Mental); alunos com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), entre outras. Atua na Educação Infantil com 2º e 3º períodos e no Ensino Fundamental nas séries iniciais de 1ª a 4ª série, classes de alfabetização e aceleração da aprendizagem.

A direção é composta por 6 (seis) funcionários, sendo destes, uma diretora e uma vice, duas assistentes de direção e duas coordenadoras pedagógicas.

O corpo docente é formado por 42 profissionais efetivos do quadro da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e por 5 (cinco) profissionais contratados temporariamente. A escola também conta com 29 auxiliares de educação.

As coordenações pedagógicas são realizadas coletivamente e por séries, em dias diferentes. Nessas coordenações, diagnosticamos algumas dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos. Dentre elas podemos citar:

Participação efetiva da família na continuidade do processo ensino/aprendizagem;

Dificuldades de leitura, interpretação e produção de textos;

Dificuldades Raciocínio lógico-matemático;

Carência de valores sólidos e de atitudes;

Baixa auto-estima;

Falta de vínculo e identidade com a escola;

Apatia e desinteresse pela escola e pelo estudo;

Influência forte e por vezes negativa dos meios de comunicação de massa;

Com o objetivo de modificar esse quadro, desenvolvemos alguns projetos:

Campeonatos de futebol, queimada e outros;

Aluno monitor;

Raciocínio e leitura;

Vida e Cidadania;

Copa do mundo e eleição (ética);

Somos todos especiais;

Conselhos de classe seriados com a participação de professores, direção e representantes dos pais.

Na busca de tornar a aprendizagem uma etapa prazerosa, inserimos no ambiente escolar temas do cotidiano: *Sexualidade, Meio Ambiente, Prevenção às Drogas e à Violência, Música, Família, Valorização Pessoal* e outros.

Promovemos gincanas e atividades esportivas, incentivamos a participação em concursos, participamos de atividades cívicas e sociais como do Encontro de Coros e do Festival de Quadrilhas, desenvolvemos atividades pedagógicas e culturais como a Festa Junina, Festa da Família, Aniversário da Escola, Feira de Ciência e Arte, Formatura dos alunos da pré-escola e da 4ª série, Formatura do PROERD, hora cívica e outros.

Temos também parcerias com outros órgãos que nos auxiliam em palestras e projetos: Polícia Civil – palestras de prevenção às drogas, Polícia Militar – PROERD, Corpo de Bombeiros Militar – palestras de prevenção de acidentes.

Os recursos financeiros são utilizados conforme designação do Conselho Escolar que conta com representantes de todos os segmentos da escola, o referido conselho também interfere na detecção e resolução de problemas bem como na sugestão de novas atividades que beneficiem o corpo escolar.

A 3ª série “H”, turma da docente Elivania, está situada na sala 6. é composta por 32 alunos com idades entre 9 e 13 anos, sendo que uma aluna é diagnosticada com portadora de Deficiência Visual (Baixa Visão), por isso a turma é reduzida em 15%.

A 4ª série “F”, turma da docente Hosania, está situada na sala 8 é composta por 36 alunos com idades entre 9 e 14 anos. A turma é regular, dos alunos que a compõe, quatro vieram de turmas de aceleração da aprendizagem.

5.4. Instrumentos de Pesquisa

Visando diagnosticar as marcas do preconceito presentes em cada um de nós, e neste caso nos professores, que devem atuar em oposição a posturas preconceituosas, de discriminação e de exclusão, propomos uma dinâmica utilizando imagens dos diferentes continentes.

Foram apresentadas 24 imagens a um grupo de oito professores do C.E.F. 403 e de seis professores da E.C. 116, sendo que cada docente analisou duas ou três figuras, identificando o continente ao qual pertencem.

Outra atividade desenvolvida, foi a análise de três livros didáticos de História¹, sendo que dois são utilizados nas duas instituições de ensino já citadas e um terceiro indicado pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional do Livro Didático.

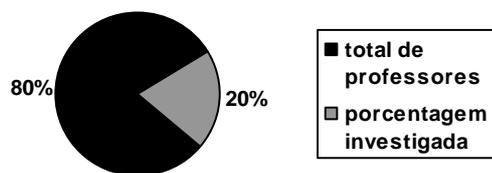
Utilizamos também, um questionário composto por 12 perguntas a respeito do preconceito e de trabalhos envolvendo a temática do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas Séries Iniciais.

Este questionário foi feito com professores do Centro de Ensino Fundamental 403 e Escola Classe 116, ambas de Santa Maria, e através deste procuramos informações sobre o trabalho já desenvolvido pelos professores em suas salas, que estejam contribuindo com a formação da identidade da criança negra, ou ainda, perceber atitudes do professor que atrapalhe esta construção e reforce o preconceito ou a teoria do branqueamento progressivo.

Buscamos ainda com este, obter sugestões e novas idéias para desenvolver trabalhos positivos nesta área, apoiados nas Diretrizes Educacionais, nos PCN's e na lei que fundamenta este trabalho. Assim, poderíamos perceber também se os professores estão atualizados sobre a situação atual das discussões a esse respeito.

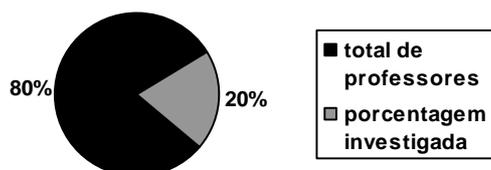
Para um total de 32 professores da Escola Classe 116 de Santa Maria, foram investigados seis professores tanto com questionários quanto com a dinâmica das imagens, totalizando 20%, conforme gráfico a seguir:

¹ VICENTINI, José Wiliam, DIAS, Dora Martins, PÉCORÁ, Marlene. **História**. São Paulo: Ática, 2001. 128 p. (Vivência & Construção).
CHIANCA, Rosaly Braga, TEIXEIRA, Francisco M. P. **História**. São Paulo: Ática, 2001. 104 p. (Pensar e Viver).
LINS, Ana Luísa. **História**: Tantas histórias. São Paulo: FTD, 2001. 128 p.



Quadro 1

Para um total de 42 professores do Centro de Ensino Fundamental 403 de Santa Maria, foram utilizados para esta pesquisa oito docentes tanto com questionários quanto com a dinâmica das imagens, perfazendo um total de 20%, conforme quadro a seguir:



Quadro 2

5.5. Organização, análise e discussão dos dados

A dinâmica das imagens foi utilizada a fim de identificar nos professores, os estereótipos e as idéias pré-estabelecidas que muito foram implantados pelo sistema educacional e pela sociedade brasileira.

Devido ao fato de que a história negra foi tratada na perspectiva da escravidão e que desde o século XIX tem-se buscado um branqueamento da população brasileira, muitos de nós criamos uma imagem negativa sobre o continente africano.

Sobre essa idéia, Maria de Nazaré (2005, p.80) afirma. “Partimos das idéias pré-concebidas reiteradas cotidianamente nos meios de comunicação, segundo as quais os povos africanos seriam povos sem história e a África um continente só de miséria e no qual irmãos matam irmãos”.

As respostas obtidas e os comportamentos observados com a realização dessa dinâmica confirmam a idéia da autora. As imagens que refletem miséria, ausência de

tecnologia e de condições dignas de vida foram imediatamente relacionadas ao continente africano. Assim como imagens que refletem alta tecnologia, belas cidades ou boas condições de vida, são relacionadas ao continente europeu ou ao americano, tendo em vista os Estados Unidos da América e sua posição no cenário mundial.

Esta idéia equivocada e a imagem negativa precisam ser modificadas a fim de se alcançar uma valorização do povo e da cultura negra. Daí a importância de se inserir, não só no currículo, mas também nos livros didáticos, a história da África, destacando seus pontos positivos e deixando de ressaltar apenas os aspectos negativos.

A esse respeito os PCN's (2001, vol.10) afirmam:

“O estudo histórico do continente africano, com sua complexidade milenar, é de extrema relevância como fator de informação e de formação voltada para a valorização dos descendentes daqueles povos. Significa resgatar a história mais ampla, na qual os processos de mercantilização da escravidão foram um momento que não pode ser amplificado a ponto que se perca a rica construção histórica da África”.

Analisando os livros didáticos a qual nos propomos, foi visível a forma negativa como é colocada a imagem do negro para a sociedade.²

As gravuras neles apresentadas só retratam os momentos de inferiorização do povo africano e afrodescendente, com as imagens de escravos no tronco, em trabalhos domésticos e no campo, servindo aos senhores brancos. Isso cria todo um contexto de eterna pobreza e submissão do negro, exemplificando a afirmação de Lemos (2001) quando diz que a maioria dos livros didáticos omite a presença do negro nas diferentes posições sociais.

Nesse sentido, os livros didáticos que deveriam ser um aliado na desconstrução de estereótipos racistas, por muito tempo fortaleceram e a maioria ainda fortalece uma visão totalmente preconceituosa do negro.

As formas como os afro-brasileiros se classificam, demonstram baixo auto-estima enraizada por meio das concepções encontradas nos livros didáticos que enfatizam de povos considerados inferiores. Pois, os conteúdos aí apresentados são insuficientes quanto à temática da participação do africano e afrodescendente na formação da história brasileira. Sobre o povo negro no Brasil, os textos apresentam somente os momentos da escravidão e

² Alguns exemplos encontram-se no anexo III.

de submissão. Pouco ou nada retratam do descontentamento, das lutas e de suas conquistas na briga pela liberdade.

Os livros mostram em suas gravuras e textos, somente a imagem que os colonizadores construíram com o objetivo de aumentar seu poder. O que demonstra que, mesmo com a criação de novas políticas educacionais, o ensino de história e o livro didático apresentaram poucas ou nenhuma mudança, como afirma Fonseca (2003), o que não contribui para uma formação da identidade social positiva.

Os livros didáticos não são os únicos formadores do conhecimento, no entanto, por serem recursos importantes, precisam estar de acordo com a necessidade atual de formar cidadãos conscientes de sua participação na construção da sociedade.

Um olhar atento aos questionários respondidos por educadores de duas escolas de Ensino Fundamental de Santa Maria – DF evidencia o quanto ainda é necessário fazer para mudar a situação atual disseminada na sociedade.

Os docentes demonstraram atitudes distintas quanto ao questionamento de ser preconceituoso ou não. Enquanto 75% dos professores do CEF 403 afirmaram ter atitudes preconceituosas em relação aos mais diferentes grupos existentes na sociedade, todos os educadores da EC 116, participantes desta pesquisa, declararam não ter preconceito algum. Desses 50% afirmaram valorizar e respeitar as diferenças, e outros 50% não souberam argumentar ou defender sua resposta.

As afirmativas do primeiro grupo de professores, demonstram que há um reconhecimento por parte de alguns que na realidade não aprendemos a conviver harmoniosamente com a diversidade. Nesse sentido, as diferenças sociais, culturais e biológicas são julgadas como algo inferior comparado a um modelo imposto como padrão. Como afirma Silva (2001) esses julgamentos levam a ações discriminatórias que prejudicam o desenvolvimento de um determinado grupo e privilegia outros.

Com relação às questões sociais, todos os docentes pesquisados afirmaram que é função da escola trabalhar a diversidade cultural, porque como diz muito bem um dos professores questionados “a escola não está à margem da sociedade ao contrário, é parte importante dessa sociedade”. Assim, concordam com Romão (2001) que declara a escola como um espaço privilegiado para motivar o total desenvolvimento dos alunos e a valorização de sua identidade social. Nesse sentido, os PCN’s também afirmam que a

riqueza cultural existente na escola torna-se o ponto inicial para um trabalho importante de aceitação e valorização da diversidade presente em nosso país.

Todos os professores afirmaram perceber situações discriminatórias na sala de aula. Porém, mencionaram que as atitudes tomadas são diálogos e conversas informais em defesa da igualdade e do respeito mútuo. No entanto, segundo os PCN's é importante fazer mais que isso, é preciso buscar a formação histórica da sociedade brasileira, para que os alunos conheçam a contribuição de diferentes povos na formação de nossa história. Igualmente declara Oliveira (2001) que se faz relevante dar uma atenção especial a personagens negros em nossa história destacando seus feitos positivos, além de sua submissão. Dessa forma será reconstruída a identidade negra, recuperando sua auto-estima através da valorização concreta das tradições, costumes e cultura de seu povo.

Em relação ao trabalho realizado em sala de aula pelos professores, quando perguntados se trabalham com conteúdos afro-brasileiros, a maioria que respondeu sim, cita como exemplo as religiões, a escravidão, lendas, dentre outros.

Nota-se, porém, que dos conteúdos citados nenhum trata da história africana em si. Não se fala da contribuição negra na construção do nosso país, das personagens e personalidades negras e o mais importante, não se discute o preconceito.

De acordo com estudos anteriores percebemos que o princípio para se combater o preconceito e a discriminação, é desfazer a imagem negativa que se tem dos negros e de seu continente de origem. Afinal, também é papel da escola, combater as práticas discriminatórias a fim de se consolidar a identidade social dos seus alunos.

Nesse sentido os PCN's (2001) afirmam que tratar de aspectos referentes a discriminação, permitirá formar a criança e o adolescente para a responsabilidade social.

As Diretrizes Curriculares (2005, p. 17), destacam a importância de se combater o preconceito sofrido pelos negros, valorizando e até mesmo apresentando a sua rica cultura: "É preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo; buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, a sua identidade e a seus direitos."

Sobre o livro didático e a forma que este aborda o tema, os professores concordam que os conteúdos reforçam o racismo e transmitem idéias preconceituosas. Relacionam ainda, que os conteúdos são insuficientes e distantes da realidade.

Percebemos então, a necessidade de mudança na escolha dos conteúdos a serem abordados pelos livros didáticos, as imagens negativas do negro que são apresentadas nos livros reforçam o eurocentrismo e o preconceito.

Nelson Silva de Oliveira (2001), mostra a necessidade de se ressaltar a contribuição dos negros para a construção de nossa sociedade.

“Destacar personagens negros na história do Brasil é de suma importância para termos uma visão que leve realmente em consideração a participação do negro em nossa história. Escutamos falar muito e lemos nos livros didáticos sobre Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I e Tiradentes, entre outros personagens. Temos assim, como principais personagens históricos, os portugueses ou os brasileiros brancos, enquanto os negros são vistos como uma grande massa de escravos, pobres, malandros, etc”.

Os pesquisados percebem que, nas suas escolas há pouco ou nenhum material disponível que possa auxiliar ou mesmo fundamentar o trabalho sobre a temática em questão.

Acreditamos que adoção da teoria da igualdade, adotada inclusive nos livros didáticos, ainda permanece forte nos dias atuais. Partindo dessa teoria, tem-se deixando de lado a discussão de temas importantes, seja por comodidade ou por falta de interesse. Contudo, com a criação da lei que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, espera-se que comece a surgir material sobre o tema.

Para fortalecer o respeito à diversidade racial, os professores apresentaram diferentes medidas que podem ser tomadas. Desde a capacitação do professor através de cursos de aperfeiçoamento; à divulgação do tema nos meios de comunicação e o próprio trabalho em sala de aula por meio do autoconhecimento e do conhecimento mútuo.

A construção da identidade nos indivíduos é um processo complexo e repleto de fatos fundamentais que se encaixam formando um imenso quebra-cabeça em que não há uma peça final.

Sabemos que a escola constitui papel fundamental neste processo, por isso, direcionamos aos professores das escolas em que atuamos perguntas que pediam uma conceituação de identidade social e relatos dos trabalhos desenvolvidos no cotidiano da sala de aula que ilustrassem a exploração do tema.

A maioria dos pesquisados nas duas instituições de ensino conceituaram corretamente identidade social, porém, ao relatar ou sugerir atividades que tratassem do

ensino de História e cultura afro-brasileira e africana, dos 14 pesquisados apenas 28,6% sugeriram ou descreveram alguma atividade.

Este fato nos remete as reflexões da pedagoga Romão (2005), que descreve as três etapas principais para a construção da identidade: a compreensão da individualidade dos alunos; a consciência do pertencimento social dessas características e a necessidade do estímulo ao desenvolvimento das crianças considerando suas particularidades.

Sendo assim, percebemos que há consciência dos professores em relação ao seu papel na formação dessa identidade, contudo as reflexões parecem estar restritas as duas primeiras etapas propostas por Romão, e muito distantes da prática pedagógica. Agir e incentivar a ação dos indivíduos quanto a valorização dos seus traços históricos, sociais e culturais, apresenta-se como uma tarefa mais difícil do que aparenta ser.

É certo que as oportunidades de formação e discussão do tema desta pesquisa ainda são restritos e pouco divulgados por isso, como afirma Lima (2005), não devemos “culpar” o professor pela total reprodução das desigualdades, pois ele também é fruto deste mesmo sistema que por anos inculcou ideologias de superioridade e inferioridade nas relações humanas.

Todavia, é necessário que haja a busca contínua por conhecimento e autoconhecimento. Devemos tentar influenciar de forma positiva, tolerante e respeitosa a constituição da identidade em cada indivíduo. Não foi o que percebemos ao analisar as respostas dos professores quanto a busca de formação. A metade da população pesquisada afirmou não se aprofundar de forma alguma em temas como cultura e História afro-brasileira e os demais disseram que se informam através dos meios de comunicação.

Por isso, conclui-se que para que o indivíduo sinta-se um perfeito cidadão é necessário que ele construa sua identidade calcado em situações, histórias e imagens que valorizem também a sua origem, elevando assim a sua auto-estima e abandonando estereótipos e ideologias preconceituosas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível constatar que a sociedade brasileira há anos tem sido envolvida numa atmosfera preconceituosa. Mesmo com a existência de leis que asseguram a igualdade de direitos a todos, a prática social é quase que totalmente contrária a isso.

Quando nos propusemos a uma pesquisa sobre o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, tema que devido a aprovação de Diretrizes para educação tornou-se tão comentado, não pensávamos ser tão difícil encontrar bibliografias disponíveis nas livrarias que embasassem o nosso estudo.

Isso nos mostra claramente que há uma lei a cumprir nas escolas, entretanto, não foi proporcionado a nós educadores, pelo menos aos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, recursos bibliográficos e didáticos que nos ajudassem na abordagem do tema em questão na sala de aula, pois o único material que chegou a algumas escolas de Ensino Fundamental foi o livro das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Percebemos ainda, que pouca ênfase é dada ao estudo das etnias brasileiras no livros didáticos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, pois poucos são os textos que se propõem a uma abordagem positiva sobre a contribuição do negro para a história brasileira. O que não condiz com a necessidade de reconstruir a identidade social no negro brasileiro e valorizar a contribuição de todos os povos na construção da nossa história.

A realização desta pesquisa nos trouxe vários benefícios. Dentre eles gostaríamos de destacar, a mudança vivida por nós, em nossa forma de agir e pensar.

Por meio dos diversos estudos empreendidos, tivemos a oportunidade de repensar, de forma crítica a nossa prática e adotar novas posturas em nossas salas de aula. Já não enxergamos nossos alunos como seres uniformes, já não vemos mais o livro didático como antigamente. Já conseguimos perceber com mais facilidade o preconceito embutido e camuflado nas pessoas.

Obviamente temos a clareza de que ainda há muito a ser feito, todavia acreditamos que este estudo é o início de uma grande transformação, que se inicia em nós. Através dele conseguimos perceber o quanto a sociedade negra já sofreu e ainda sofre com o

esquecimento e desmerecimento de seus feitos e contribuições e temos consciência, agora, que nós, educadores, temos em mãos o poder e o dever de modificar esta situação.

Após todas as discussões e análises feitas nesta pesquisa, concluímos que a melhor perspectiva de desdobramento a ser adotada, é a elaboração e aplicação de um projeto pedagógico para a escola.

Como já dissemos, nos deparamos com muitos obstáculos durante a elaboração desta pesquisa e um desses, foi o levantamento teórico. Encontrar livros que tratassem do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas nossas escolas foi uma tarefa árdua e por vezes desestimulante.

Percebemos que alguns autores se ocuparam do tema, sendo, a maioria dos estudos e publicações recentes e pouco divulgadas, a ponto de não estarem disponíveis nas muitas livrarias que consultamos.

Sendo assim, sentimos a necessidade de partilhar os conhecimentos, as análises e conclusões que obtivemos, com o corpo docente das escolas nas quais atuamos.

Incitar reflexões sobre a prática pedagógica de cada professor a respeito da construção da identidade social de seus alunos, valorizando as diversas culturas e as suas individualidades; e instigar a busca por informações a respeito da história e cultura afro-brasileira, são os principais objetivos que esperamos alcançar ao desenvolver um projeto pedagógico na escola tratando do tema desta pesquisa.

Buscamos ainda, disponibilizar toda a bibliografia que encontramos a fim de enriquecer as análises de cada professor, proporcionando um posicionamento mais consciente e crítico diante das relações preconceituosas e discriminatórias arraigadas na sociedade e que se refletem também no cotidiano escolar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÈ, Marli(org.) **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.** São Paulo: Papirus, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª série). História e Geografia. Secretaria de Educação. 3. ed. São Paulo: EDICON, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª série). Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Secretaria de Educação. 3. ed. São Paulo: EDICON, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane (org.) **Racismo e anti-racismo: repensando a nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

LEMOS, Rosália de Oliveira. **O negro na educação e no livro didático: como trabalhar alternativas: guia de direitos do brasileiro afro-descendente.** 2.ed. Brasília: 2001. (Cadernos CEAP).

LIMA, Maria Nazaré Mota de (org.) **Escola Plural, a diversidade está na sala: formação de professores em história e cultura afro-brasileira e africana.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF; Salvador: CEAFFRO, 2005.

LOUREIRO, Stefânie arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção: a resignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista.** Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

MOURA, Clóvis. **As injustiças de clio: o negro na historiografia brasileira.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

OLIVEIRA, Nelson Silva de. **Vultos Negros na História do Brasil: guia de direitos do brasileiro afro-descendente.** 2.ed. Brasília: 2001. (Cadernos CEAP).

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil.** 18ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ROMÃO, Jeruse. Por uma educação que promova a auto-estima da criança negra: guia de direitos do brasileiro afro-descendente. 2.ed. Brasília: 2001. (Cadernos CEAP).

ANEXOS

ANEXO I

Escola: Classe 116 de Santa Maria Norte

Série em que atua: 4ª Tempo de serviço: 4 anos

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Não, ter o meu objetivo é que o respeito seja conquistado pelos alunos independentemente de sua cor, raça e social.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim, porque é necessário compreender que atitudes, normas e valores está incluída em uma dimensão social e pessoal. E referem-se a princípios asumidos pessoalmente por cada um educador a partir dos valores, sistemas normativos que circulam na sociedade ampla.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Sim, através de estudos de livros, jornais, revistas e às vezes participando de palestra, assistindo filmes relacionados ao tempo para adquirir e construir conhecimentos.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Sim, selecionando conteúdos voltados para uma aproximação de conhecimentos da realidade cultural brasileira quanto a sua formação histórica e atual, possibilitando contemplar o tema a realidade do meu trabalho e dos meus alunos.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Os livros são o ponto de partida da reflexão educacional, tentando os conceitos quanto as ações pedagógicas mobilizam atores dos professores e alunos que de certa maneira malfixam percepção pelos diferentes conteúdos. Daí a necessidade de se levar em conta os conhecimentos e sentimento prévio dos alunos.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim, utilizando de conversas como uma das formas de tentar solucionar os conflitos, posicionando-se de maneira crítica, responsável e construtiva tomando decisões coletivas e criativas diante das situações propostas.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

De forma que venha fortalecer o educando e o educador. Apresentando temas a serem pesquisados e colhidos, e com o auxílio prático dos alunos, despertando habilidades que até então eram desconhecidas, promovendo atividades coletivas visando o trabalho de grupos, respeito, regras, cooperação e responsabilidade.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Eu acho que o presidente do Brasil, criasse uma lei que reconhecesse os valores e virtudes dos povos que deram origem ao povo brasileiro, e fizessem com que fosse cumprida por todos.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Atualmente estamos trabalhando um projeto que tem como tema "Etnia na escola", onde estão sendo propostos materiais como: livros, revistas, músicas, filmes, jogos inter-classe, etc.

10 - Para você o que é identidade social?

É a prática do reconhecimento do grupo social do qual estamos (fazendo) fazendo parte.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

Trabalhar auto-estima, e prestar para promover que não existe uma única estética ou modelo a serem seguidos como a mídia propõe modelo ideal.

12 - Dê outras sugestões:

Escola: E. C. 116 de Santa Maria

Série em que atua: 2^a Tempo de serviço: 3 anos

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Não. Porque considero todos como merecedores de respeito.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim. Porque a escola forma cidadãos que devem interferir na sociedade.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Não.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Muito pouco. Porque tenho dificuldades em abordar e conduzir o tema de forma positiva.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

São preconceituosas e não abordam a real situação do negro.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim. Procuro mostrar que devemos respeitar as diferenças.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Procuro mostrar que cada povo tem sua cultura que deve ser preservada e respeitada.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Os meios de comunicação de massa devem valorizar todas as raças e os professores devem ter cursos de formação nessa área para depois levarem essas experiências para a sala de aula.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Apenas alguns livros que contam a história de Zumbi dos Palmares.

10 - Para você o que é identidade social?

É o reconhecimento de grupo social que fazemos parte.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

Busco trabalhar a auto-estima do aluno e mostrar que não existe um modelo ideal de pessoa.

12 - Dê outras sugestões:

Escola:

116

Série em que atua:

3º Período

Tempo de serviço:

18 a

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Sim. Porque acredito que ser preconceituoso significa alimentar (e) denunciar as intolerâncias que colaboramos. Num uma amostra de nós para realmente nos eu os culpamos; certos poderes sempre anula e tudo mais denunciar. Considero - mas não quero mudar

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Claramente. Porque a escola é o espaço da sociedade e ao mesmo tempo também espaço da sociedade, assim como espaço para a prática educacional que observa, analisa e contribui para 'qualquer questão social para promover a cidadania.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Sim. Sou pesquisador, assisto palestras e conferências, assisto mídias, livros e toda manifestação cultural que tenham das discriminações, raciais, inclusive as negais; além de fazer aulas com alunos e colegas em geral.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Sim; através da abordagem da diversidade, incluindo o tema nos aulas de história, geografia, português etc e inclusive, através da literatura, as artes e os costumes afro-brasileiros com mesma realidade.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Viro ainda um distanciamento entre nossa realidade e estes conteúdos, além de considerar pouco explorados; mas ao longo dos anos vir a diminuir sendo ampliado pouco a pouco, e isso é que ainda devemos lutar e trabalhar para ter um destaque maior e claro mais adequado.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim. Essa questão ainda tem muito "negativismo" repetido pela TV, pelas pais e até por alguns professores (mas não que inculcamos), isso leva o trabalho de conscientização mais complexa, temos um desafio, e no dia a dia a gente tem particularidade de trabalhar com essa questão. O desafio é o exemplo não a base da aprendizagem e não usar os principais instrumentos utilizados por mim.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Respeito a todos, cada um, demonstrando respeito por suas ideias e opiniões e máximo respeito, através de observações, discussões, filmes etc.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Diálogo de todos visando a reconhecer o valor de cada um, pois só assim alcançamos o respeito e esse respeito ocorre a partir do estudo, da análise, do conhecimento.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Podemos citar livros, fitas, vídeos, os recursos de multi-mídia (som, TV, vídeo, computador).

10 - Para você o que é identidade social?

É um - N dentro de seu contexto e refletir através de atos a cultura de uma sociedade; ainda que com aspectos interculturais e com a cultura.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

Respeito a todos sempre a personalidade de cada um, o perfil de cada indivíduo e promover a interação entre todos, sua aceitação e o reconhecimento das habilidades naturais (como o respeito, a auto-estima e a individualidade); tudo isso de forma integrada.

12 - Dê outras sugestões:

O diálogo, o exemplo, a lição e a curiosidade são práticas que necessitam de apoio e persistência, por parte de todos para vencer as dificuldades que surgem no caminho da diversidade; mas também a não esquecermos quando avançamos no que fazemos.

Escola: E. C. 116 de Santa Maria

Série em que atua: 4ª série Tempo de serviço: 4 anos

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Não.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim, pois é uma instituição educacional que tem por objetivo a formação global do cidadão estudante em sociedade.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Sim, por meio de pesquisas na internet, revistas e livros.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Sim, por meio de leitura e interpretação de textos, poesias, filmes, gravuras, debates e vídeos.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Muito superficiais, sem despertar a criticidade, mas enfatizando mais os preconceitos sociais.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim, levo textos para abrir a discussão sobre o tema e orientando ~~para~~ os educandos.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Por meio de discussões sobre o tema, leitura e interpretação de textos.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Um bom conhecimento prévio do professor, leituras de capacitação, para que se faça um bom trabalho em sala de aula.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Internet e revistas

10 - Para você o que é identidade social?

É a construção do "eu" de cada indivíduo na sociedade, tendo em vista seus direitos e deveres de cidadã.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

• Trabalhos ~~com~~ usando o desenvolvimento da auto-estima.
• Debates, produções de textos e análise de situações cotidianas em seu meio social (e ~~no~~ presentes no mundo ~~presente~~ em ~~deli-~~ jornais).

12 - Dê outras sugestões:

Escola: CEF 403 de Santa Maria

Série em que atua: 2ª Tempo de serviço: 6 anos

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Sim, porque já me peguei por diversas vezes analisando o que eu vejo sem ter um conhecimento mais profundo, isso é preconceito.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim, é função da escola aprofundar conhecimentos adquiridos no dia-a-dia do aluno, como as questões sociais.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

raciais, propriamente dito, não

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Sim, a questão das lendas, escravidão, comidas, religião, músicas que originaram-se com a vinda dos negros para o Brasil e estão aí até hoje.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Ainda há muito a que se fazer sobre o resgate da contribuição cultural que o negro proporcionou a nós brasileiros que somos em total maioria negros. E por ser maioria deve ser mais valorizada.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

sim, quando um aluno este ano chamou a colega de cabelo de mole, eu disse a ele que ele estava sendo preconceituoso pois se for assim eu também tenho cabelo de mole e nem por isso sou melhor ou pior que ele, e cabelo como os outros.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Entre os alunos ainda se vê muita chacota quanto a diferença, mas procura passar para eles que as diferenças existem e devem ser respeitadas, cada qual tem o direito de ser como é, e fazer o que quer.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Escola Pública de qualidade para as camadas mais pobres da população, Política igualitária de moradia, saúde, saneamento básico e emprego digno "dignidade" para a maioria negra existente nesse país, Para que deixem de ser "cidadinhos" e passem a serem capazes.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Não conheço quase nenhum e não sei alguns livros de histórias.

10 - Para você o que é identidade social?

Possuir o conhecimento efetivo de sua origem e se sentir por isso, fazendo parte do todo.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

Construção da história de cada aluno como origem da família, coisas que costumam fazer certo falar, o que comem etc..

12 - Dê outras sugestões:

- Visitar locais onde tenha objetos, arte, roupas que contem a história do negro no Brasil e suas conquistas.

- filmes

- Debates entre alunos e demais segmentos da escola e comunidade

- Entrevistar com descendentes que ainda vivem em locais que foram quilombos.

- Estudar a formação da etnia racial Brasileira.

- livros

Escola: Centro de Ensino Fundamental 403

Série em que atua: 3ª e 4ª série fundamental e médio Tempo de serviço: 15 anos

1 – Você é preconceituoso? Por quê?

Creio que não e se for, luto contra. Porque acho im-
portante respeitar as diferenças.

2 – Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim. Porque a escola não está à margem da sociedade,
ao contrário, ela é parte ^{integrante} da sociedade.

3 – Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Pouco. O que mais me interessou ^{ultimamente,} foi sobre a
questão de cotas de negros para universidades.

4 – Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Não.

5 – Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Muito precária, ou seja, quase inexistente

6 – Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Existe uma coisa que é considerada "normal"
na sociedade, que são os "ditados" ou piadas a respeito dos
negros, que na verdade não deixa de ser uma discrimi-
nação velada. A minha posição é a de tentar demolir
tais "bincadeiras".

7 – Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Em minha sala de aula não há diferenças cultu-
rais acentuadas. O que surge com mais frequência
são regionalismos. São métodos que as diferenças
são naturais e que estas não as fazem melhores ou
piores.

8 – Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Além de campanha de conscientização nos meios de comunicação de massa, a escola precisa assumir isso como parte integrante do currículo.

9 – Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Desconheço

10 – Para você o que é identidade social?

É o indivíduo se reconhecer não apenas como objeto, mas sobretudo como sujeito do processo de construção da sociedade.

11 – Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

É um trabalho de conscientização dos direitos e deveres individuais e coletivos, da criticidade ~~de~~ discursos, frases ou programações estereotipadas ou com forte carga ideológica.

12 – Dê outras sugestões:

Escola: C.E.F. 403

Série em que atua: 2ª série Tempo de serviço: 7 anos

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Sim. Quando se trata de sexualidade, orientação sexual e deficiência, eu ajo com restrições e algumas atitudes preconceituosas. Preconceito pra mim é abrangente e acho que cada um tem um pouco.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim dúvida. Porque nós somos seres sociais, os alunos vivem em sociedade e diariamente surgem questões polêmicas relacionadas à sexo, cultura, linguagem, raça, classe social, entre outras coisas.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Pouco, mas busco limitar-me a leitura quando surge algo na mídia, ou debates entre a família e colegas de trabalho. Sei que devo fazer cursos ou algo assim.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Acho que sim, pois não tenho certeza quais são esses elementos. Por meio de conversas, debates e leituras trabalho questões ligadas a raça, religião, esporte, comidas típicas, heranças da cultura afro-brasileira.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Extremamente ideológicas. Trazem preconceitos, histórias mal contadas, superficiais que confirmam as desigualdades sociais e raciais. Pouquíssimos são os livros que abordam de forma crítica e ampla.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim, muitas. Fico surpresa quando percebo crianças "brancas" sendo discriminadas também. A reação delas é muito mais revoltante por não estarem acostumadas. Tento lidar de forma séria e natural porque as diferentes raças devem ser respeitadas.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

De maneira articulada com os demais conteúdos, com conversas informais, textos, debates, cartazes, leituras e produções textuais. Procuro tratar com respeito, naturalidade e seriedade.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Popularizar ainda mais esses conceitos com cursos, palestras e movimentos co-relacionados. Além disso, todos nós precisamos nos informar e trocar ideias sobre esses assuntos para então alcançar todos esses aspectos.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Se existem, são pouco conhecidos e utilizados por todos nós. Há mapas, livros e algumas fitas sendo divulgados mas o acesso é restrito. Deveria ter materiais atuais e diversificados para se usar.

10 - Para você o que é identidade social?

É o perfil do cidadão de forma global. Seus pensamentos, costumes e atitudes comuns a um determinado grupo que a pessoa se identifica e constrói seus valores, leva-os a diante, divulga-os e também os defende.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

Tento da melhor forma desmistificar alguns conceitos arraigados na vida dos alunos, como por exemplo, o machismo, o racismo, as várias ideologias quanto ao trabalho, casamento e sexualidade. Tudo isso com projetos e aulas expositivas.

12 - Dê outras sugestões: para conscientizar as crianças.

Aguardo que a formação dos educadores seja frequente, contínuada. Penso também que os movimentos da cultura afro descendente, devam estar mais próximos das escolas com debates e cursos para se levar o tema aos alunos. Acredito também que os deputados responsáveis por criar leis, precisam se preocupar ainda mais na igualdade e pensar em meios de amenizar as injustiças. Promover debates e mais leis que beneficiam os negros, como por exemplo o sistema de cotas que deveria respeitar a história negra brasileira.

Escola: Centro de Ensino Fundamental 403 de Santa Maria

Série em que atua: 1ª Tempo de serviço: 5 anos

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Sim. Não tenho a mente aberta para questões como o homossexualismo por exemplo.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim. A escola deve "ver" o aluno como um todo, sendo assim, todas as questões que envolvem o ser humano devem ser objeto de estudo. O aluno está inserido em uma sociedade e precisa ter uma visão crítica a respeito dela. A escola é local privilegiado para a aquisição dessa criticidade.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Não.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Não.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

O assunto deveria ser mais explorado. A maioria dos livros didáticos tratam apenas da escravidão. A cultura negra dificilmente é (divulgada) retratada nesses livros.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim. Procuro agir com naturalidade para não acentuar ainda mais a situação. Tento mostrar para os alunos que a riqueza está nas diferenças e que todo ser humano deve ser tratado com respeito e dignidade (através de brincadeiras e leituras de histórias infantis).

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Essas diferenças, às vezes, passam despercebidas. Sendo tratadas com maior atenção quando surgem os conflitos.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Deve começar por uma formação sólida dos profissionais da educação a respeito do assunto. Essa questão é pouco discutida e trabalhada dentro das escolas. Precisamos começar para aceitar a diversidade como um todo precisa despertar.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Não tenho conhecimento de tais materiais. Se a escola possui não tive acesso ainda.

10 - Para você o que é identidade social?

É a maneira como o indivíduo se vê e se relaciona na sociedade ou como ele se posiciona em relação aos outros e às estruturas sociais.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

De qualquer forma não tenho segurança de que realmente seja identidade social. Não desenvolvo nenhum trabalho específico nesse sentido.

12 - Dê outras sugestões:

Escola: C.E.F. 403 de Santa Maria.

Série em que atua: Educação Infantil Tempo de serviço: 5 anos.

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Sim, em alguns momentos, situações, ~~forças~~
juízos preconceituosos.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim, porque a escola também faz parte da
sociedade e deve propor ações facilitadoras que
trabalhem de forma prática a realidade dos educandos
em consequência, questões sociais.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Matéria de jornais, televisão, revistas, ultimamente
a questão racial tem ficado mais evidente, não só
quanto aos afro-brasileiros, como também indígenas,
estrangeiros.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Até então não trabalhei mais profundamente, porém,
nas séries que atuo (educação infantil) comento sobre
datas comemorativas, palavras de origem afro-brasileira,
lendas, danças, brincadeiras.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Ainda são insuficientes, poderiam estar presentes
desde as séries iniciais, como também informações
atuais, históricas mais aprofundadas.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim, estereótipos como gordo, magricelo, às vezes, apelidos
xingamentos. Sempre explico que não devemos tratar
as pessoas mal e peso que diga o nome correto da
pessoa.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

É importante não tender a uma religião ou cultura,
trabalho de forma neutra, e proponho respeito as diversas
culturas

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Mais programas televisivos sobre o tema mais informações em ~~for~~ nos meios de comunicação em geral.
Mais discussão, fóruns, debates, seminários

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Poucos. Temos os Parâmetros Curriculares Nacionais, revistas e jornais.

10 - Para você o que é identidade social?

É como o indivíduo se vê dentro do contexto social que está inserido, como cidadão, participante, ciente do seu papel em sociedade.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

Trabalhos com socialização, brincadeiras, músicas, ações coletivas, noção de valores, (na Educação Infantil) de forma lúdica.

12 - Dê outras sugestões:

Podem ser feitos projetos educacionais com o tema passeios, excursões, trabalhos em grupo, estudos, produção de texto entre outros.

Escola: CEF 403 de Santa Maria
 Série em que atua: 4ª série Tempo de serviço: 01 ano

1 - Você é preconceituoso? Por quê?

Não. Acha que todos nós temos diferenças, e que cada diferença deve ser respeitada.

2 - Em sua opinião é papel da escola trabalhar as questões sociais? Por quê?

Sim. Temos que dar, cada vez, mais ênfase nas questões sociais pois não estamos trabalhando o ser humano isolado e sim no contexto da sociedade.

3 - Você tem investido em formação e buscado informações sobre questões raciais? De que maneira?

Não.

4 - Você trabalha com conteúdos da cultura afro-brasileira? Como?

Sempre que surge algum material ou o uso em sala de aula - o problema é que os livros didáticos não dão ênfase na cultura dos povos.

5 - Como você avalia as informações apresentadas nos livros didáticos a respeito da história e cultura negra?

Eu acho que os livros didáticos tem discutido bastante a questão étnica-cultural. No entanto é importante perceber que o livro didático não tem nem deve ter todo o específico cultural.

6 - Você percebe situações de discriminação racial em sua sala de aula? Como você se posiciona diante disso?

Sim. A cada momento que isso acontece eu tento mostrar que todos nós somos de um mesmo país e que embora possamos parecer diferentes estamos debaixo de uma mesma lei que nos faz todos iguais.

7 - Como são tratadas as diferenças culturais em sua sala de aula?

Nós normalmente trabalhamos a questão do negro-escravo e da abolição como sendo uma grande conquista não só do nosso país mas de todo o mundo.

8 - Para você o que deve ser feito para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e o respeito à diversidade racial?

Devemos primeiramente conhecer a história das outras culturas percebendo o que elas tem de bom e com isso saber que nos também somos uma cultura e que, como qualquer outra, temos nossas filhas.

9 - Que materiais didáticos estão disponíveis na escola que possam facilitar o trabalho com história e cultura afro-brasileira?

Algumas informações do livro didático, apresentações de capoeira e músicas típicas.

10 - Para você o que é identidade social?

Significa que um ser se aproxima social, cultural, racial e espiritualmente com certo grupo social.

11 - Que tipo de trabalho você já desenvolve em sala que estimula a construção da identidade social livre de estereótipos?

fogos - danças - brincadeiras - filmes etc.

12 - Dê outras sugestões:

ANEXO II

A



Figura 1

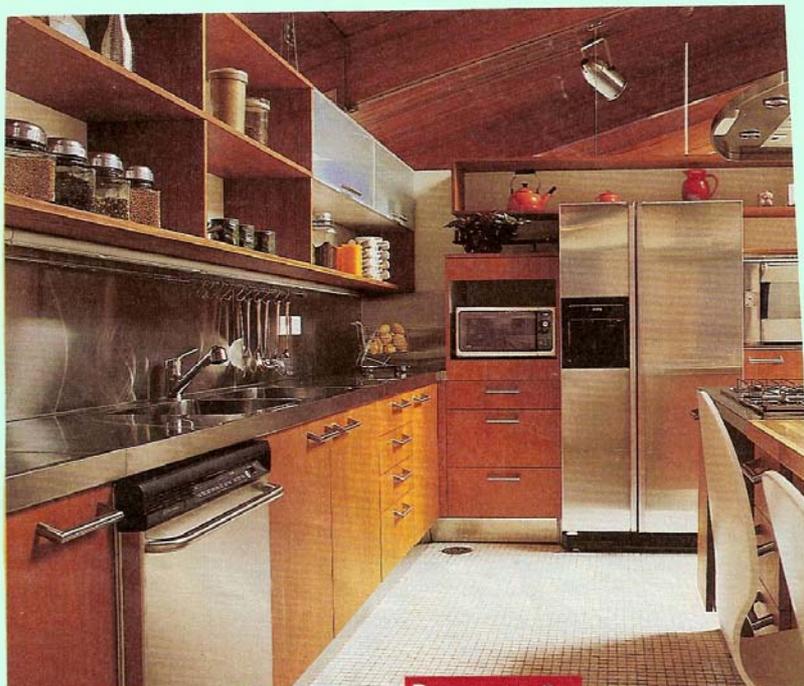


Figura 2

Escola: CEF 403 de Santa Maria

Série em que atua: 2ª Tempo de serviço: 6 anos

- Observe as figuras da folha A.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: _____

Série em que atua: _____ Tempo de serviço: _____

- Observe as figuras da folha A.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

B



Figura 1



Figura 2

Escola: 116
Série em que atua: 3º Período Tempo de serviço: 18

- Observe as figuras da folha B.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: CEF 403 de Santa Maria
Série em que atua: 3^a Tempo de serviço: 6 anos

- Observe as figuras da folha B.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

C



Figura 1

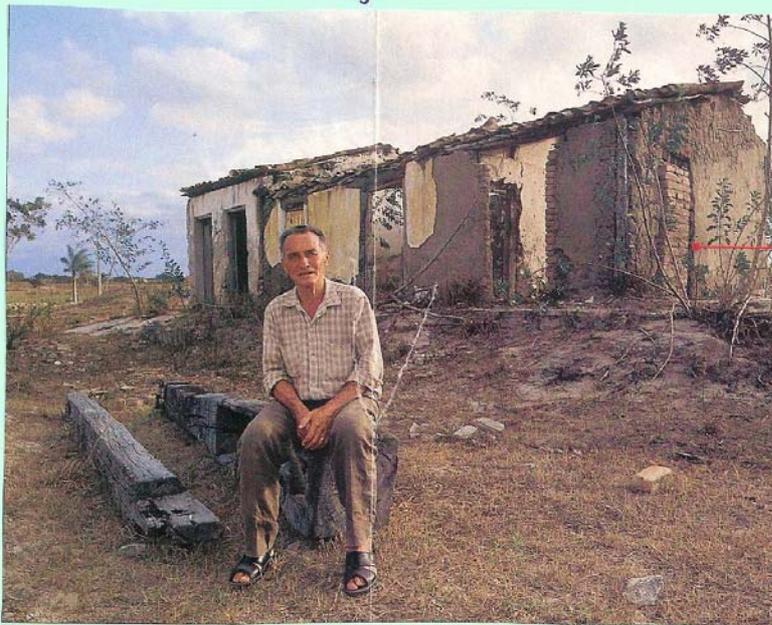


Figura 2

Escola: Centro de Ensino Fundamental 403 S^{ra} Maria
Série em que atua: 4^a série Tempo de serviço: 01 ano

- Observe as figuras da folha C.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input checked="" type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

D

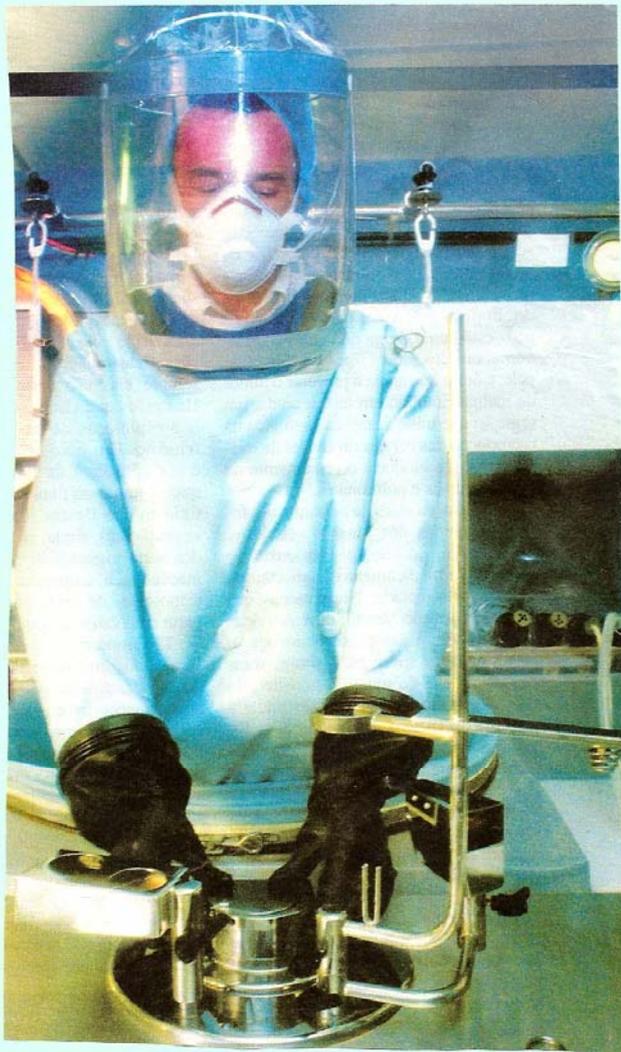


Figura 1

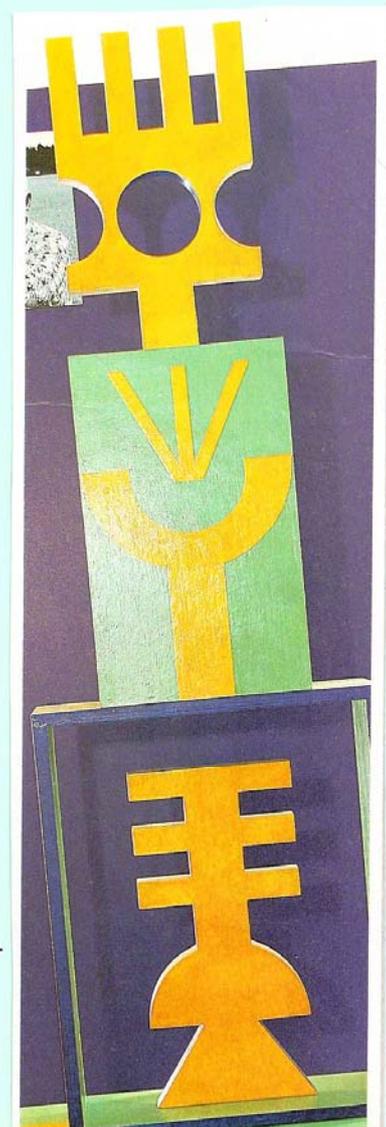


Figura 2 -

Escola: Classe 116, Santa Maria
Série em que atua: 2ª Tempo de serviço: 15 anos

- Observe as figuras da folha D.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: CEF 403 de Santa Maria
Série em que atua: 3ª Tempo de serviço: 6 anos

- Observe as figuras da folha D.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

E

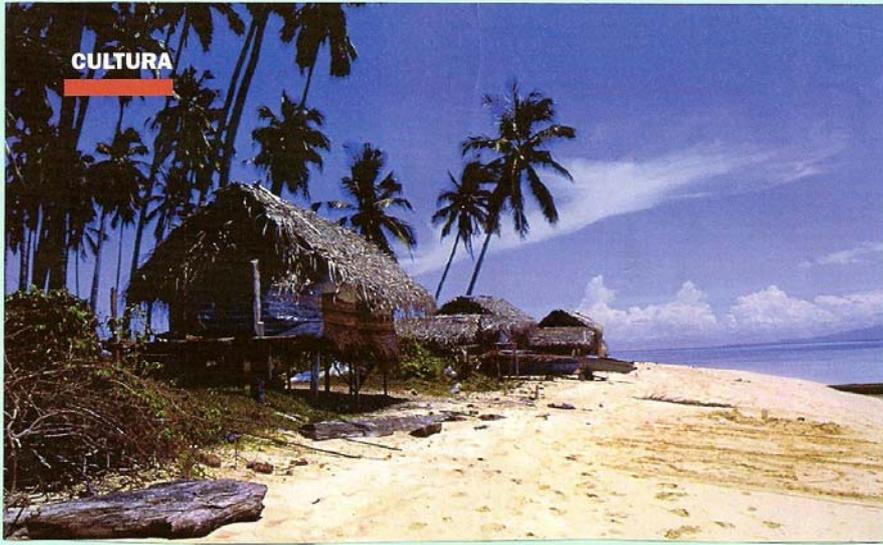


Figura 1

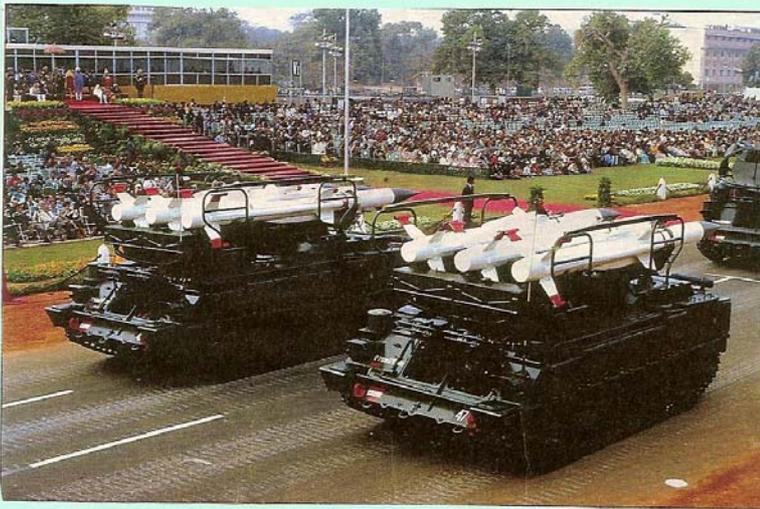


Figura 2

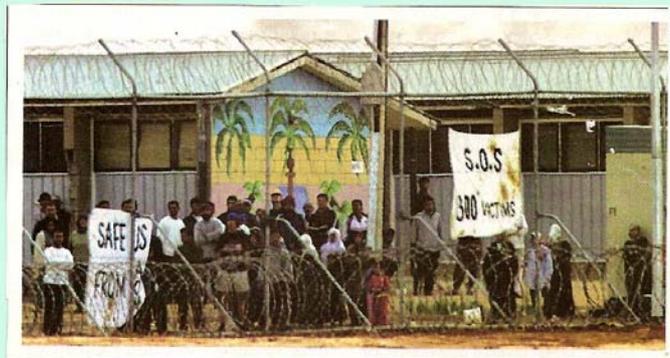


Figura 3

Escola: Classe 116 de Santa Maria
Série em que atua: 2ª Tempo de serviço: 15 anos

- Observe as figuras da folha E.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: CEF 403 de Santa Maria
Série em que atua: 2^o Tempo de serviço: 2 anos

- Observe as figuras da folha E.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input checked="" type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

F

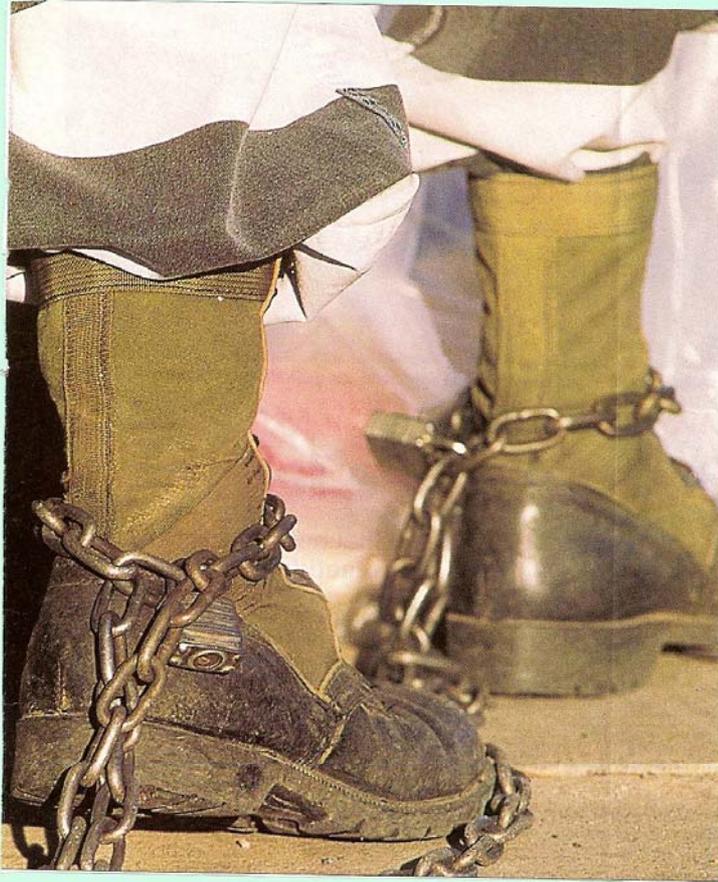


Figura 1



Figura 2 -

Escola: Centro de Ensino Fundamental 403 de Santa Maria
Série em que atua: 1ª série Tempo de serviço: 5 anos

- Observe as figuras da folha F.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input checked="" type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: Classe 116 Santa Maria Norte
Série em que atua: "4º" Tempo de serviço: "4 anos"

- Observe as figuras da folha "F".
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input checked="" type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

G

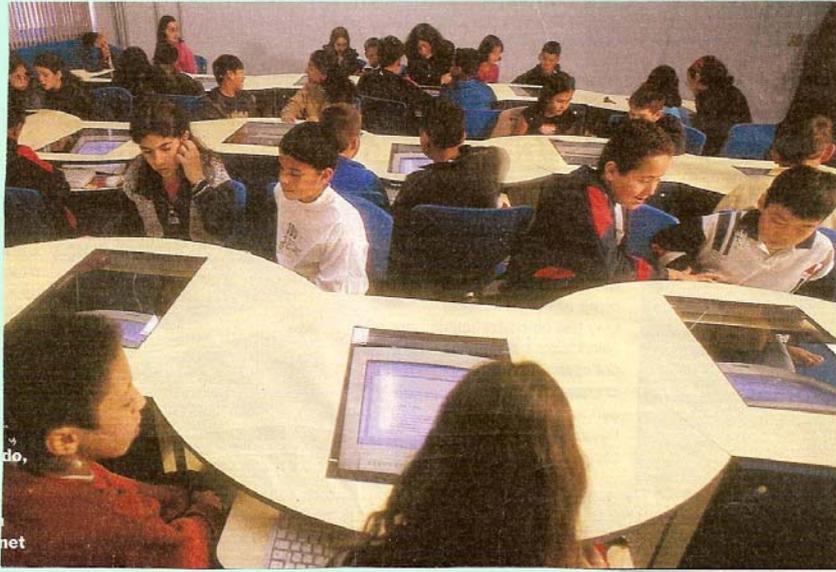


Figura 1



Figura 2

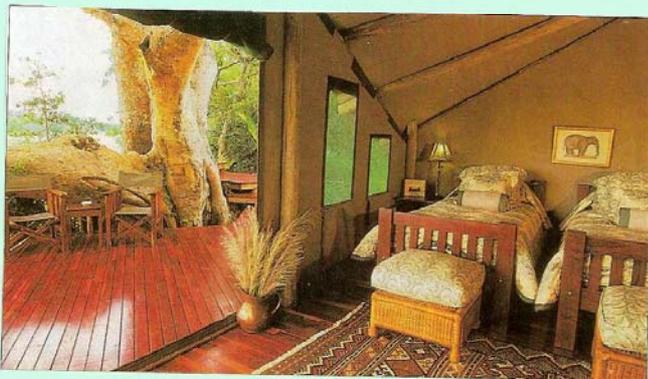


Figura 3

Escola: Escola Classe 116 de Santa Maria
Série em que atua: 1ª Integração Inv. Tempo de serviço: 14 anos

- Observe as figuras da folha 6.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: Centro de Ensino Fundamental 403
Série em que atua: 2ª série Tempo de serviço: 7 anos

- Observe as figuras da folha 6.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input checked="" type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

H



Figura 1

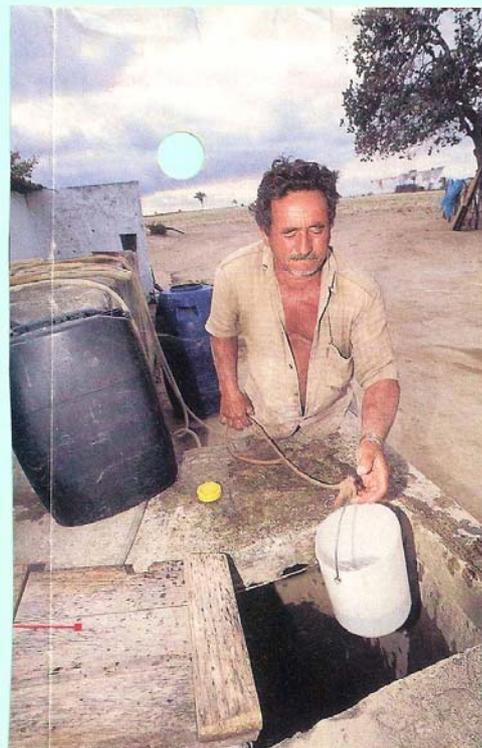


Figura 2 -



Figura 3

Escola: 116
Série em que atua: 3º Período Tempo de serviço: 18

- Observe as figuras da folha H.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: C.E.F. 403
Série em que atua: Educação Infantil Tempo de serviço: 5 ANOS

- Observe as figuras da folha H.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input checked="" type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |



Figura 1

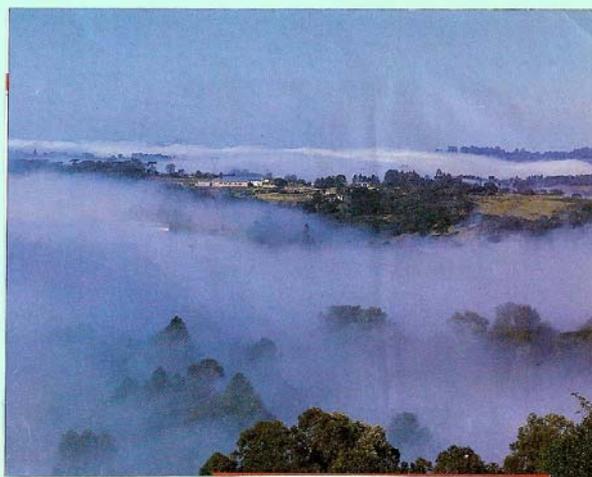


Figura 2

Escola: Centro de Ensino Fundamental 403 S^{ta} Maria
Série em que atua: 4^o série Tempo de serviço: 01 ano

- Observe as figuras da folha I.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

J

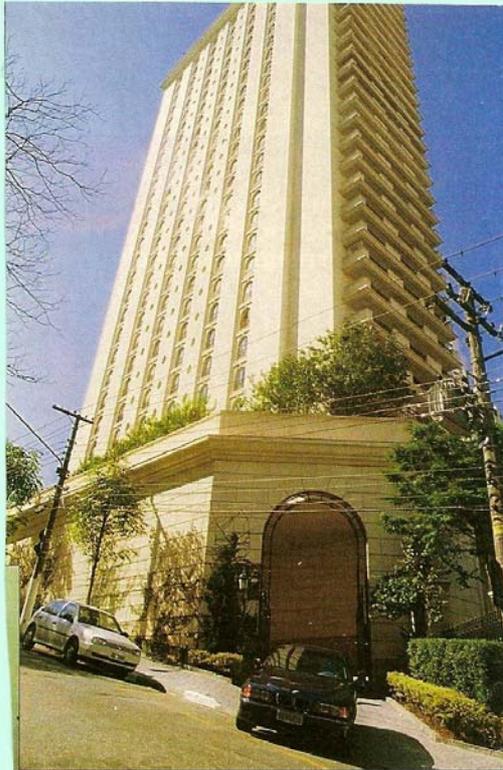


Figura 1



Figura 2



Figura 3

Escola: Classe 116 Santa Maria Norte
Série em que atua: 4ª Tempo de serviço: 10

- Observe as figuras da folha J.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Escola: Ref 403 de Santa Maria
Série em que atua: 4º Tempo de serviço: 2 anos

- Observe as figuras da folha 3.
- Identifique o continente ao qual pertence cada imagem.

Figura 1

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input checked="" type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 2

- | | |
|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input checked="" type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

Figura 3

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> América | <input type="checkbox"/> Ásia |
| <input type="checkbox"/> Antártida | <input type="checkbox"/> Europa |
| <input type="checkbox"/> África | <input type="checkbox"/> Oceania |

ANEXO III

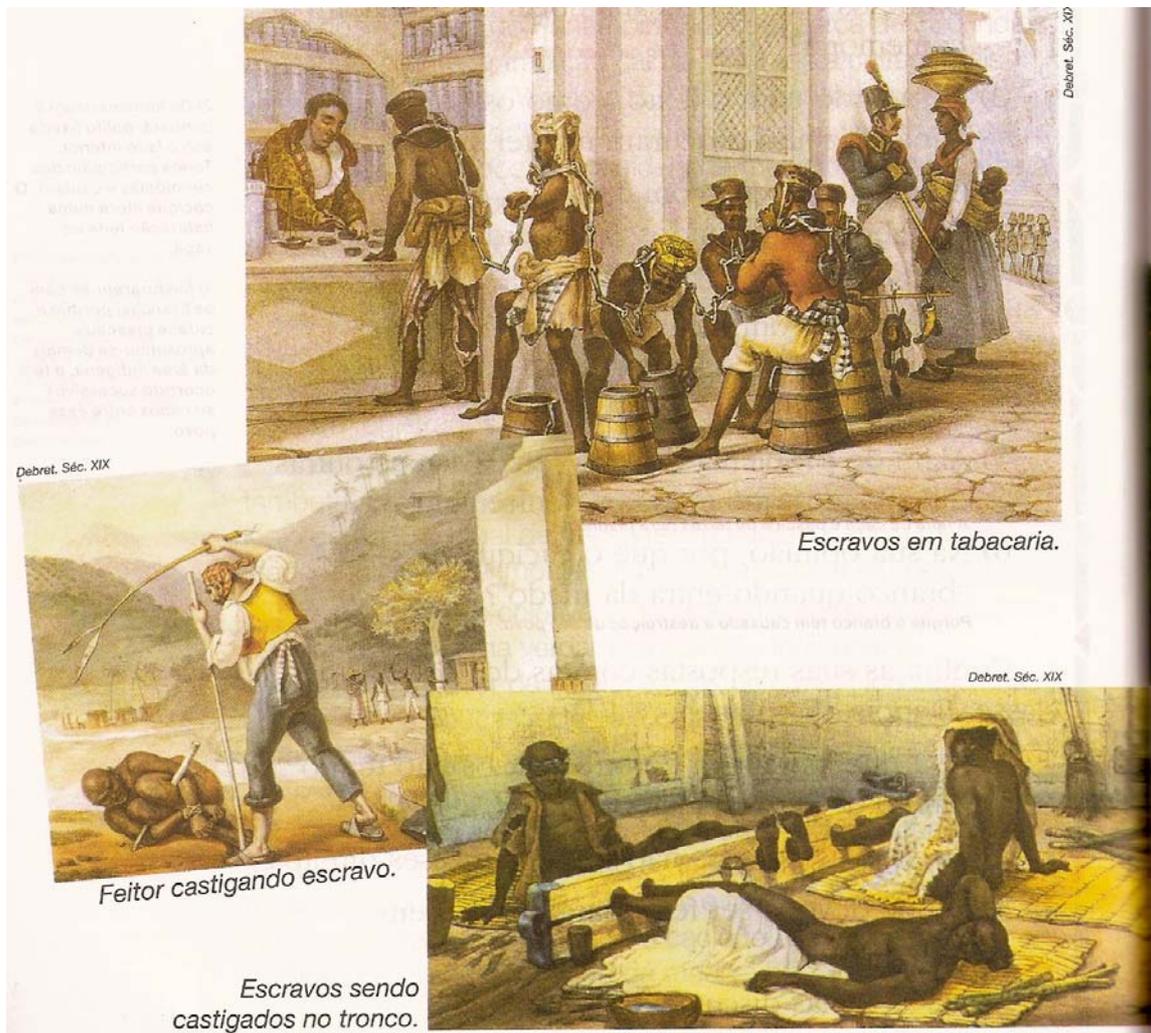
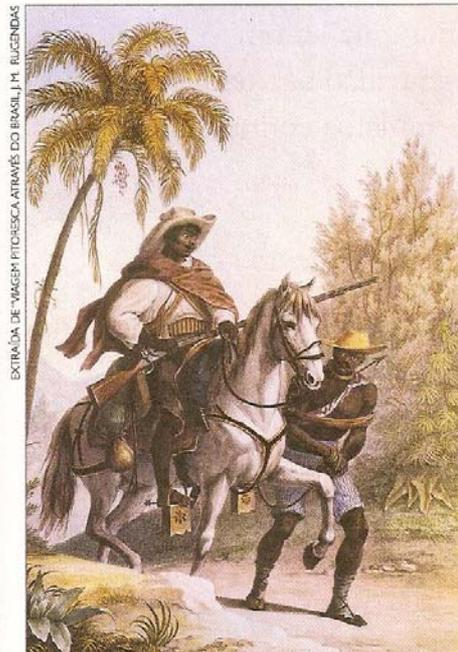
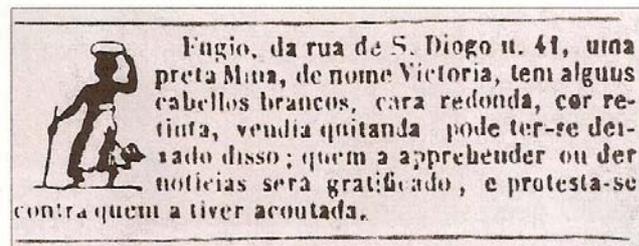


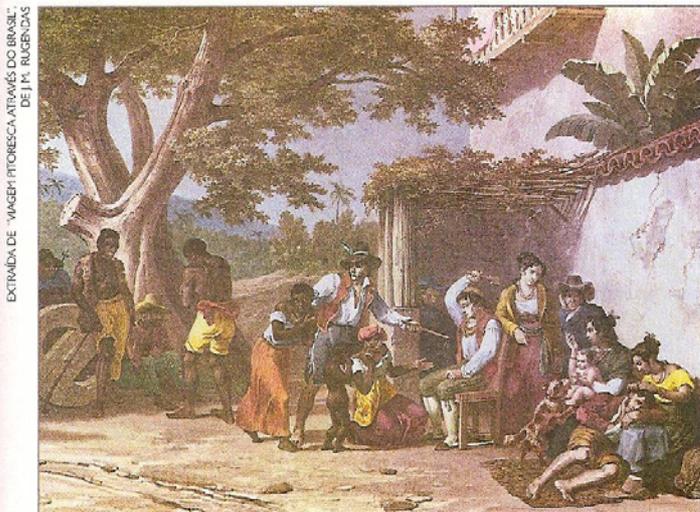
Figura 1 (História: tantas histórias, FTD)



“Capitão-do-mato”, obra de Johann Moritz Rugendas.



Anúncio comunicando fuga de uma escrava.



“Castigos domésticos”, obra de Johann Moritz Rugendas.

Figura 2 (História: Coleção Pensar e Viver, Ática)



Senhora na sua cadeirinha a caminho da missa (1816-1831), gravura de Jean-Baptiste Debret, retrata um dos costumes dos nobres portugueses trazidos para o Brasil.

Figura 3 (História: Coleção Vivência & Construção, Ática)